

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE – PPGSA/CCBS
MESTRADO EM SAÚDE E AMBIENTE

YURI ANDREI DE JESUS MORAIS

FENOMENOLOGIA DA VIOLÊNCIA URBANA: impactos na saúde e nas relações
sociais.

São Luís - MA

2018

YURI ANDREI DE JESUS MORAIS

FENOMENOLOGIA DA VIOLÊNCIA URBANA: impactos na saúde e nas relações sociais.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Federal do Maranhão para a obtenção do título de Mestre em Saúde e Ambiente.

Área de Concentração: Saúde das Populações

Linha de pesquisa: Epidemiologia Clínica e Promoção da Saúde

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba

Coorientador (a): Prof(a) Dr^a Zulimar Márita Ribeiro Rodrigues

São Luís - MA

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Morais, Yuri Andrei de Jesus.

Fenomenologia da Violência Urbana: impactos na saúde e nas relações sócias / Yuri

Andrei de Jesus Moraes. - 2018.

78 p.

Orientador: Jean Marlos Pinheiro Borba.

Coorientador(a): Zulimar Márita Ribeiro Rodrigues.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente/ccbs, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Violência urbana. 2. Consumo. 3. Fenomenologia. 4. Saúde. 5. Violência. I. Borba, Jean Marlos Pinheiro. II. Rodrigues, Zulimar Márita Ribeiro. III. Título.

YURI ANDREI DE JESUS MORAIS

FENOMENOLOGIA DA VIOLÊNCIA URBANA: impactos na saúde e nas relações
sociais.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde e
Ambiente da Universidade Federal do Maranhão, em cumprimento às
exigências para obtenção do título de Mestre em Saúde e Ambiente.

Aprovada em ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba
PPGPSI/UFMA – Presidente

Prof. Dr^a Zulimar Márita Ribeiro Rodrigues
PPGSA/UFMA – Co-orientadora

Prof. Dr. István Van Deursen Varga
PPGSA/UFMA – Examinador interno

Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Júnior
PPGPSI/UFMA – Examinador externo

Prof. Dr. José Aquino Júnior
PPGSA/UFMA – Examinador Interno

São Luís - MA

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, que através da sua graça e misericórdia constantes, permitiu que eu tivesse condições para chegar até aqui.

A minha mãe, Maria Rosa de Jesus Morais, que através do seu cuidado, amor e encorajamento, me deu forças o tempo inteiro.

A minha namorada, Ana Karoline da Silva Santos que, por meio da sua cumplicidade, afeto e persistência, me faz crescer e não desistir dos meus objetivos.

Ao meu querido “desorientador”, Professor Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba, o qual tem sido, além de um mestre que me incentiva a pensar criticamente os fenômenos no mundo, um amigo que espero ser grato enquanto viver.

A minha co-orientadora, Prof. Dr^a Zulimar Márta, que aceitou o desafio de me ajudar e, com a sua responsabilidade, zelo e afeto, fez de mim um ser humano melhor.

Aos meus amigos de Buriticupu - MA, Nairan, Roberto, Naiane, Rafael, Izaiane, Maria da Cruz e Josefa, que cuidam de mim amorosamente. Sem o afeto de vocês não conseguiria suportar as dificuldades, solidão e desânimo que me assolaram durante o mestrado.

Ao prefeito municipal de Buriticupu - MA, José Gomes Rodrigues, que, com muita compreensão, permitiu a minha ausência em alguns dias de trabalho para que frequentasse as aulas do mestrado.

RESUMO

MORAIS, Y. A. J. **FENOMENOLOGIA DA VIOLÊNCIA URBANA**: impactos na saúde e nas relações sociais. 2018. 78 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) – Programa de Pós – Graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Federal do Maranhão, 2018.

Aborda-se a violência urbana, um dos fenômenos socioeconômicos mais impactantes no Brasil da atualidade. Mostra-se os altos índices de homicídios, latrocínios, roubos, furtos, linchamentos, dentre outros. Esses não influenciam somente na saúde pessoal ou no modo como as pessoas se relacionam com o ambiente onde vivem, mas também no aspecto econômico do Brasil. Os gastos são altíssimos tanto para a prevenção como para o tratamento. Assim, a questão problema desta pesquisa é: Como a violência urbana afeta a saúde e as relações sociais em São Luís – MA? Apresenta-se uma Fenomenologia dos estudos e pesquisas sobre a violência urbana. Ressalta-se as diversas influências na saúde e nas relações sociais da população de São Luís - MA entre os anos de 2014 a 2017. A pesquisa é de cunho qualitativo e descritiva. Sua base é epistemológica nos fundamentos da Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938). A pesquisa também tem um caráter documental e bibliográfico. Recorreu-se a material acessível aos cidadãos: jornais, artigos, publicações científicas nacionais e internacionais, balanços da violência, dados da saúde pública e notícias da imprensa eletrônica local. O estudo mostra que a violência associada à busca desenfreada do dinheiro e de bens materiais acarreta consequências assustadoras, tais como, danos físicos e subjetivos à saúde. Os principais impactos da violência urbana na saúde da população ludovicense foram os óbitos. É imprescindível destacar que muitos impactos que afetam a subjetividade humana não são quantificados e/ou divulgados publicamente. Com efeito, além da violência urbana não se limitar a assaltos, há um lado “invisível” desta, que não é exposto, mas afeta direta e indiretamente os modos de ser e estar na capital maranhense. Em síntese nosso tecido social encontra-se doente.

Palavras – chaves: Violência urbana. Saúde. Fenomenologia.

ABSTRACT

MORAIS, Y. A. J. **Phenomenology of urban violence**: impacts on health and social relations. 2018. 78 f. Thesys (Master). Post - Graduate Program in Health and Environment, Federal University of Maranhão, 2018.

It addresses urban violence, one of the most impacting socioeconomic phenomena in Brazil today. It shows the high rates of homicide, robbery, robbery, robbery, lynchings, among others. These do not only influence personal health or the way people relate to the environment they live in, but also to the economic aspect of Brazil. The expenses are very high for both prevention and treatment. Thus, the problem question of this research is: How does urban violence affect health and social relations in? A Phenomenology of studies and research on urban violence is presented. It is worth noting the different influences on health and social relations of the population of São Luís - MA between the years 2014 and 2017. The research is qualitative and descriptive. Its basis is epistemological in the foundations of Phenomenology and Phenomenological Psychology of Edmund Husserl (1859-1938). The research also has a documentary and bibliographic character. Citizen material was used: newspapers, articles, national and international scientific publications, violence reports, public health data and local electronic press news. The study shows that violence associated with unrestrained pursuit of money and material possessions has frightening consequences, such as physical and subjective damage to health. The main impacts of urban violence on the health of the Ludovic population were deaths. It is important to note that many impacts that affect human subjectivity are not quantified and / or publicly disclosed. In fact, besides urban violence, it is not limited to assaults, there is an "invisible" side of this, which is not exposed, but directly and indirectly affects the ways of being and being in the capital of Maranhão. In short, our social fabric is sick.

Keywords: Urban Violence. Health. Phenomenology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

CIOPS – Centro Integrado de Operações de Segurança

CID 10 – Código Internacional de Doenças

CLVI – Crimes Violentos Letais e Intencionais

FNSP - Fundo Nacional de Segurança Pública

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MS – Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio Contínua

SENASP - Secretaria Nacional de Segurança Pública

SIGO - Sistema Integrado de Gestão Operacional

SMDH – Sociedade Maranhense de Direitos Humanos

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO

- GRÁFICO 01:** Óbitos por ocorrência segundo categoria CID 10 em São Luís - MA no ano de 2014.....58
- GRÁFICO 02:** Óbitos por ocorrência segundo categoria CID 10 em São Luís - MA no ano de 2015.....59

TABELAS

- TABELA 01:** Quantitativo de CVLI em São Luís - MA até o mês de setembro de 2017.....35

QUADROS

- QUADRO 01:** Violência em São Luís – MA através de arma de fogo, combustível e fogo.....63
- QUADRO 02:** Violência em São Luís – MA através de arma branca.....67
- QUADRO 03:** Violência em São Luís – MA através de agressão física.....68
- QUADRO 04:** Violência em São Luís – MA através de arma de fogo e arma branca.....68
- QUADRO 05:** Violência em São Luís – MA através de objetos não identificados.....69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	15
3 A VIOLÊNCIA NO MUNDO-DA-VIDA CONTEMPORÂNEO.....	19
4 “EPIDEMIA” DA VIOLÊNCIA NO BRASIL E MARANHÃO.....	28
5 CUSTOS DA VIOLÊNCIA NO BRASIL E MARANHÃO.....	37
6 A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NA VIOLÊNCIA URBANA.	44
7 VIOLÊNCIA URBANA EM SÃO LUÍS-MA: influências na saúde e nas relações sociais.	57
7.1 A IMPRENSA LUDOVICENSE E O RETRATO DA VIOLÊNCIA URBANA NA SAÚDE.....	59
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a violência urbana é um dos fenômenos que mais causa impactos sociais e econômicos no Brasil devido aos altos índices de homicídios, latrocínios, roubos, furtos e linchamentos. Genericamente, a violência, na maioria das vezes, é vista apenas no que se refere à criminalidade ou atos delinquentes, no entanto, pode ser expressa em qualquer atitude de imposição tanto da força física, como de ideais ou desejos direcionados ao outro. Tais acontecimentos não influenciam somente a saúde pessoal ou o modo como as pessoas se relacionam com o ambiente onde vivem, mas também no aspecto econômico do Brasil com gastos altíssimos para a prevenção e o seu tratamento.

A violência é um fenômeno diverso que traz impactos na vida do ser humano, além de estar ligada ao estilo de vida e às condições sociais e ambientais. Deste modo, é difícil enquadrá-la em um único aspecto, pois se refere também a questões subjetivas, ou seja, da ordem do vivido pelos seus diversos atores, de quem pratica, de quem sofre e de quem presencia, sendo, portanto, percebida de acordo com a vivência de cada um (MINAYO, 2005). Nessa mesma esteira, é influenciada por vários acontecimentos, sendo precipitada a concepção de fatores fixos que a “determinam”.

Por conta do caráter destruidor da violência, há uma redução drástica da qualidade de vida humana, de modo que os seus efeitos são considerados um grave problema de segurança e saúde. Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS, o fenômeno em foco é presente na experiência humana e causa diversos impactos ao redor do mundo. Embora haja dificuldades de se mensurar os custos exatos das suas consequências, é possível afirmar que há despesas de milhões, principalmente, pelos dias de trabalho perdidos, ausência de investimentos, tratamento e prevenção, bem como pela falta de criação e aplicação de leis mais efetivas que visem à sua diminuição. Nessa direção, a violência é caracterizada como “um dos graves problemas sociais e de saúde pública”, além de ser encarada como um dos Determinantes Sociais da Saúde (OMS, 2002).

A violência nas cidades, sob o foco da saúde pública, é vista de forma abrangente, considerando-se as relações de grupo, de classes e em instituições. Em

outros termos, é um fenômeno social, amplo, complexo e decorrente de características subjetivas. No entanto, se faz necessário destacar que esta face da violência difere da criminalidade, pois, enquanto o primeiro abrange as relações sociais, o segundo, é um conceito jurídico, inscrito na legislação penal. Dessa maneira, nem todos os atos violentos são tipificados como crime (VASCONCELOS e COSTA, 2005).

Observo que a problemática da violência urbana não proporciona impactos apenas na esfera socioeconômica, mas também nas políticas públicas ligadas à saúde. Em outras palavras, além de o fenômeno em foco ser complexo e “multideterminado”, é em sua essência, um grave problema social que também impacta o viver saudável e o modo como as pessoas percebem e se relacionam com o ambiente na capital São Luís, nas cidades do interior do Maranhão e em outras capitais.

Além disso, tem adquirido um caráter naturalizado, ou seja, um aspecto banal na cidade de São Luís - MA, onde os linchamentos, assaltos com o objetivo de adquirir celulares, carros, motos e dinheiro e assassinatos, por conta do tráfico de drogas, têm apontando para desejos iguais, em que a busca pelo dinheiro e *status* social podem ser os seus fatores motivadores.

Verifico ainda que os conflitos armados são constantes na capital maranhense. As facções criminosas rivais e as Instituições de polícia desencadeiam um quantitativo assustador de assassinatos entre todos os lados. Por trás de tanta violência está o que, possivelmente, é o maior impulsionador das práticas criminosas e da reação coercitiva do poder público: a busca pelo poder, dinheiro e bens materiais, assim como a naturalização do consumismo como o único modo de acesso à felicidade e à qualidade de vida.

O consumo exagerado de bens materiais e a busca intensa pelo dinheiro são marcantes para o desencadeamento da violência nas cidades brasileiras, de forma que o fascínio pelos objetos e o individualismo ultrapassaram a busca pelas relações sociais altruístas. O discurso midiático que prega a busca por “mais”, pela abundância e o acúmulo de bens de consumo tem afetado também os modos de se relacionar com o ambiente, uma vez que as escolhas e satisfações são pautadas a partir daquilo que “promete” mais, conseqüentemente, o que é mais caro. Com efeito, impacta no crescimento desenfreado de condomínios fechados,

desmatamento, crescimento desordenado das regiões periféricas e na expansão dos aparatos de segurança privada na cidade.

Desse modo, as relações sociais motivadas pela busca do dinheiro e seus derivados são, em grande medida, marcadas pela violência não somente do ponto de vista físico, mas também pela certeza de que nem todos poderão ter acesso aos bens materiais pregados como valiosos na cultura Ocidental, culminando em um quantitativo maior de crimes.

Baudrillard (1981) reflete que vivemos o tempo dos objetos, na medida em que a existência humana se pauta no surgimento, ritmo e permanência destes socialmente, afetando os modos de se relacionar. Nas palavras do próprio autor:

Vivemos o tempo dos objetos: quero dizer que existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente. Atualmente, somos nós que os vemos nascer, produzir-se e morrer, ao passo que em todas as civilizações anteriores eram os objetos, instrumentos ou monumentos perenes, que sobreviviam às gerações humanas (BAUDRILLARD, 1981, p. 15-16)

Deste modo, a violência urbana, assim como as “atitudes comuns” diante do “outro”, ligadas à possibilidade de obter um bem material desejado, mostram-se presentes contemporaneamente quando constato que possuir dinheiro e determinados objetos “igualam” ou “diferenciam” as pessoas, conferindo *status* e poder. Para alcançar os objetos pregados como “valorizados” pela lógica do mercado, muitas pessoas se utilizam da violência para chegar ao “desejo social”, adaptando-se, mesmo que através da banalização da vida ou da segurança alheia, à cultura do “ter” para “ser” (Dos Santos; Gomes, 2008).

Diante deste cenário, destaco o crescimento populacional de São Luís - MA nas últimas décadas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), a cidade conta com uma população estimada em 1.091.868 (um milhão, noventa e um mil, oitocentas e sessenta e oito) pessoas no ano de 2017.

Além disso, as minhas vivências em algumas situações de violência em São Luís - MA foram importantes para a tessitura deste trabalho, pois me afetaram e influenciaram o modo de pensar o fenômeno em foco. O contato direto e as reflexões oriundas destas vivências foram influências diretas para o início da pesquisa sobre violência urbana, consumo e os seus impactos na saúde.

As vivências que descrevo a seguir apresentam como o fenômeno da violência emergiu em “carne e osso”, como bem apresentou Husserl (2006).

A primeira vez que senti “na pele” a violência foi quando na minha adolescência, ao sair de casa para fazer um trabalho escolar na residência de um amigo, fui abordado na esquina da rua onde moro por um homem que estava em uma bicicleta. O mesmo disse que queria o meu aparelho celular e que era para eu não reagir, caso contrário me daria um tiro.

Em outra situação, ao término de mais um dia de aula na UFMA¹, estava voltando para a minha casa quando percebi dois homens suspeitos dentro do ônibus em que eu estava. Posteriormente, em determinado ponto do bairro João Paulo², os dois homens anunciaram o assalto com uma faca e subtraíram os celulares das pessoas que estavam com eles nas mãos. Dessa vez, eu não tive o celular roubado, mas senti medo diante do ocorrido.

Em outro dia, durante a volta para a minha casa, depois do trabalho, percebi uma movimentação suspeita de um homem. Após sinalizar que iria descer do ônibus no bairro do Anil³, o mesmo abordou uma mulher que estava com o celular na mão e o subtraiu. Esta situação me causou revolta, bem como nos demais passageiros, que contaram o ocorrido para dois policiais que estavam próximos do local.

Durante outro assalto a ônibus, voltando para a minha casa, um homem bem vestido, com camisa branca, calça jeans, tênis e uma chave de carro pendurada na calça assaltou uma passageira que estava ao seu lado. Ao perceber que eu tinha visto tudo, o assaltante perguntou onde estava o meu celular. Falei para ele que só tinha um celular simples e mostrei como era. O mesmo me falou que eu poderia ficar com o aparelho e desceu do ônibus.

A situação mais aterrorizante pela qual passei foi quando no ônibus em que eu estava, na saída do trabalho, dois adolescentes anunciaram um assalto no bairro do Anil, apontando a arma e agindo com muita violência contra os passageiros. Na ocasião, um dos assaltantes apontou um revólver contra a minha

¹ Universidade Federal do Maranhão.

² Bairro localizado na cidade de São Luís, estado do Maranhão.

³ Bairro localizado na cidade de São Luís, estado do Maranhão.

cabeça, além de ter subtraído o meu celular e bolsa, bem como objetos pessoais das demais pessoas.

Dessa maneira, falar da violência urbana apenas teoricamente e/ou através de dados estatísticos, talvez não ponha o pesquisador em contato vivencial direto com este fenômeno. Apesar das várias maneiras de manifestação da violência, os crimes que visam dinheiro e/ou bens materiais, assim como os acertos de contas por dívidas são o que mais me afetam, tanto vivendo “na pele” ou acompanhando pelos noticiários.

Desta forma, o nervosismo, assim como o constrangimento de ser ameaçado por conta de um celular, por exemplo, podem causar muito sofrimento e produzir insegurança por onde quer que se ande, além de não serem registrados nos bancos de dados oficiais do Brasil, Maranhão e São Luís - MA.

Nessa seara, a questão problema que dispara esta investigação é: como a violência urbana afeta a saúde e as relações sociais em São Luís - MA? Deste modo o objetivo geral desta pesquisa é apresentar uma Fenomenologia dos estudos e pesquisas sobre a violência urbana, evidenciando as suas influências na saúde e nas relações sociais da população ludovicense entre os anos de 2014 e 2017.

Mediante o exposto, busquei realizar a análise das intenções dos estudos e pesquisas sobre o tema do estudo, descrevendo e refletindo criticamente acerca das principais características da violência urbana evidenciadas na capital maranhense.

No primeiro capítulo, apresento reflexões sustentadas no conceito de “mundo-da-vida”, termo cunhado pelo filósofo Edmund Husserl, e a sua relação com a violência contemporânea, refletindo sobre os elementos que fundamentam a vivência da violência no mundo, apoiados no método e atitude fenomenológicos.

No segundo capítulo, tomo emprestada a ideia de “epidemia”, termo cunhado pelas ciências naturais, não para apontar os números excessivos de uma determinada doença, mas para evidenciar a concentração em demasia dos casos de homicídios, furtos, assaltos e latrocínios, principais representantes da violência urbana nas cidades brasileiras. Os dados secundários utilizados foram publicados na mídia e mostram o cenário da violência urbana no Brasil entre os anos de 2014 a 2016.

No terceiro capítulo, busco discutir os dados secundários disponíveis ao público por órgãos governamentais e da sociedade civil que tratam dos custos da violência no Brasil, com ênfase no Estado do Maranhão. Conhecer aproximadamente os custos da violência visa à minimização dos impactos desta nas cidades brasileiras a fim de alocar os recursos necessários, não somente para a prevenção, mas para o combate às consequências trágicas que ocasiona, como: danos físicos, psicológicos e segregação urbana.

No quarto capítulo, discuto as influências do modelo econômico vigente no Brasil com uma das influências mais consideráveis nas ocorrências de crimes letais e intencionais. Deste modo, grande parte dos crimes ocorridos em São Luís - MA estão relacionados à disputa pelo poder do tráfico de drogas, acertos de contas e pelas desigualdades, que se refletem na escassez de oportunidades, principalmente, para os mais jovens, os quais são bombardeados pelo apelo midiático do consumo e poder ininterruptos.

No quinto capítulo, reflito sobre os impactos da violência na saúde e nas relações sociais ludovicenses, analisando, principalmente, algumas notícias dos anos de 2016 e 2017 que tratam da violência urbana relacionada à busca por dinheiro e/ou bens materiais em três jornais eletrônicos de grande circulação em São Luís – MA.

E, por último, apresento as considerações finais da pesquisa, evidenciando os riscos/limites, assim como as possibilidades de estudos futuros.

Deste modo, proponho a descrição e análise do fenômeno em questão, de maneira crítica e reflexiva, questionando o paradigma técnico-instrumental e a neutralidade científica das ciências naturais que entendem os objetos no mundo unicamente como fatos objetivos e mensuráveis. Incentivo, portanto, a comunidade científica a considerar o uso do método fenomenológico como um caminho de investigação e reflexão crítica nos estudos sobre violência urbana, saúde e ambiente.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo tendo sua base epistemológica nos fundamentos da Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938), que estabelece uma crítica ao naturalismo, ao objetivismo, além do apego ao método científico experimental.

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, pois pretende evidenciar as características da violência urbana, bem como as suas influências na saúde e no ambiente da população ludovicense. Caracteriza-se como uma reflexão de caráter interdisciplinar, pois envolve as Ciências Sociais, a Filosofia, Geografia e Saúde Coletiva (Epidemiologia).

A pesquisa também tem um caráter documental, de modo que se recorreu a documentos de domínio público, como artigos e demais publicações científicas nacionais e internacionais, balanços da violência, dados da saúde pública e notícias da imprensa eletrônica local.

As notícias sobre a violência urbana em São Luís - MA foram selecionadas de modo aleatório, através dos *sites* dos jornais O Imparcial, Imirante.com e Jornal Pequeno, tendo como critério de inclusão o fato de serem relacionadas a homicídios, latrocínios, assaltos e furtos que impactaram na saúde física e/ou subjetiva das vítimas.

A partir dos dados disponíveis em domínio público, este estudo faz uma análise entre os crimes violentos letais intencionais (CVLI), termo criado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENASP, que agrega as ocorrências de homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte e latrocínio, obtidos através dos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde – MS.

Embora estes dados evidenciem apenas uma parte da violência, mostram a sua parte mais visível nas cidades. Os dados sobre os CVLI e agressões por arma de fogo e arma branca permitiram ver e analisar a dimensão espacial do fenômeno no âmbito nacional, estadual e municipal, apontando evidências das características das vítimas e frequência ao longo dos últimos anos.

Diante do exposto, a pesquisa foi desenvolvida a partir dos seguintes passos:

- 1 - levantamento, descrição, análise bibliográfica e documental dos estudos científicos acerca da violência urbana;

2 - identificação e análise de notícias da violência no meio virtual nos anos de 2016 e 2017 em São Luís – MA que mostram os impactos na saúde;

3 – coleta e análise de dados junto a Instituições, como a Secretaria de Segurança Pública do Maranhão (SSP-MA), Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) e Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) que tratam da relação violência-saúde-relações sociais-ambiente nos anos de 2014 a 2016.

O levantamento e a análise de notícias, estudos, pesquisas e relatórios sobre a violência possibilitaram uma aproximação inicial com o fenômeno em questão, de forma que foi possível identificar, em primeira instância, a possível relação da violência urbana com a busca pelo dinheiro e bens de consumo.

Para a análise e síntese do material foram realizados os seguintes procedimentos: leitura integral das fontes levantadas, análise das intenções pretendidas pelos atores envolvidos, assim como a releitura e montagem de esquemas e quadros representativos da violência e os seus impactos na saúde.

O método e a atitude fenomenológicos propostos por Edmund Husserl (1859-1938), utilizados nesta pesquisa, têm por princípio a compreensão direta do que acontece no mundo através da atitude de pôr “fora de circuito” ou “entre parênteses” todos os juízos ou conhecimentos que expliquem antecipadamente a realidade, a fim de que os fenômenos sejam compreendidos da maneira como se apresentam, como ocorrem, ou seja, de forma original, autêntica sem a anteposição de hipóteses ou teorias.

A atitude de colocar “fora de circuito” o mundo natural, ou seja, toda forma de conhecimento causal e naturalizada de explicações, foi utilizada para que esta pesquisa tivesse uma postura crítico-reflexiva diante do que se mostra, voltando-se para o objeto não como algo neutro ou banalizado, mas com uma atitude compreensiva de algo “novo”. Desta maneira, os fenômenos foram analisados e percebidos diretamente, sem o auxílio de um conhecimento que os determinem categoricamente.

Husserl (2008, p.161) afirma:

Na efetivação desta *epoché* estávamos manifestamente ainda sobre o solo do mundo; ele está agora reduzido ao mundo da vida para nós pré-cientificamente válido, não fazemos uso, como premissas, de

absolutamente nenhum saber proveniente das ciências, e só podemos levar em linha de conta as ciências à maneira de factos históricos, sem uma tomada de posição específica sobre a sua verdade.

Deste modo, não busquei determinações nem me prendi a hipóteses. É com o intuito do ver direto para capturar as evidências imediatas do fenómeno que o estudo foi realizado. Dessa maneira, a violência urbana em São Luís – MA e as suas características estiveram disponíveis à consciência intencional⁴, ou seja, ao modo como o pesquisador se direccionou para o que acontece a partir da sua vivência (GUIMARÃES, 2012). Por meio da *Epoché* fenomenológica busquei o “retorno à coisa mesma”, isto é, a constituição do fenómeno da violência urbana em São Luís e os seus impactos na saúde, tal qual o mesmo fora registrado em documentos e demais referências utilizadas, a fim de compreendê-lo e descrevê-lo.

Destaco que no método fenomenológico não há a concepção de neutralidade científica, pois os fenómenos são investigados como aparecem no mundo e afetam o pesquisador, isto é, objeto e sujeito são elementos indissociáveis, uma vez que as pessoas percebem os objetos no mundo e estes só existem por conta da intencionalidade humana em relação a eles, isto é, toda a intenção está voltada para o mundo. Em outras palavras, sujeito e objeto formam uma relação por conta do carácter intencional da consciência, que é sempre “consciência de” e o objeto é sempre “objeto para a consciência”.

Nesta perspectiva, a vivência do pesquisador em relação ao seu estudo foi fundamental para esta investigação científica, pois este fala e estuda aquilo que o afeta, proporcionando-o abertura para a busca da essência do fenómeno, isto é, o que há de mais particular ou invariável a um acontecimento. Nessa seara, o método fenomenológico proporciona sustentação teórica para que se fale de vivências, uma vez que estas direccionam o pesquisador para o sentido do fenómeno no mundo. Husserl (2006, p.94) salienta que:

O mundo material não é uma parte qualquer, mas a camada fundamental do mundo natural, à qual todo outro ser real está essencialmente referido. O que ainda falta a ele, são as almas dos homens e dos animais; e o que trazem de novo é, antes de tudo, o seu ‘vivenciamento’, junto com a referência, na forma de consciência, ao mundo que os circunda.

⁴ A consciência intencional em Husserl está relacionada ao modo com o ser humano se volta para os fenómenos a sua volta, isto é, só há objetos no mundo porque há uma consciência que os atribui sentido.

Busquei, deste modo, a consolidação do sentido das coisas, não somente como um acúmulo de informações sobre os acontecimentos no mundo, mas a clareza sobre o que se mostra, fundamentado em um método rigoroso. Cabe ressaltar que a atitude e o método fenomenológicos, como foram propostos por Husserl, almejam fundamentar a Filosofia e as demais ciências com base na total ausência de pressupostos, assim como em uma reflexão constante sobre si mesma e na crítica à razão instrumental.

Tendo como base as informações acima, foi possível o (des)velamento, isto é, a clarificação do fenômeno da violência possibilitando a visão daquilo que é mais invariável a este, a sua essência ou natureza própria, assim como apontando os seus possíveis impactos na saúde dos ludovicenses. A atitude e o método fenomenológico foram o caminho de acesso, compreensão e análise dos fenômenos do consumo e da violência como “determinantes” sociais da saúde.

Além disso, busquei auxílio no pensamento de autores como Georg Simmel (1858-1918), Jean Baudrillard (1929-2007), Borba (2016), dentre outros, que me ajudaram a pensar as “influências” do dinheiro e da cultura do consumo nas relações sociais e o modo como fundamentam a violência urbana na contemporaneidade.

3 A VIOLÊNCIA NO MUNDO-DA-VIDA CONTEMPORÂNEO.

“A vida é permanentemente viver na certeza do mundo”

Edmund Husserl.

Edmund Husserl em *A Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (2008) discute o conceito de “mundo-da-vida” diante da crise de escolha da sociedade europeia do século XX, a qual estava mergulhada em uma tentativa de explicação dos acontecimentos do mundo a partir, fundamentalmente, do ponto de vista científico-instrumental.

Para Husserl (2008, p.158) o “mundo é o campo universal para onde estão dirigidos todos os nossos atos de experiência, de conhecimento ou de ação”, de forma que o autor ressalta a importância de percebê-lo tal qual se manifesta a consciência, que é sempre intencional, agindo o ser humano sobre o mundo a partir dos objetos que lhe estão disponíveis. Em outras palavras, o mundo-da-vida caracteriza-se como o lugar onde os horizontes ou as possibilidades estão disponíveis para a consciência intencional humana, na medida em que as pessoas, com os seus modos de agir e vínculos, também são “objetos” no mundo.

Guimarães (2012), ao apresentar o pensamento husserliano, permite compreender a questão do mundo-da-vida quando aponta que a descoberta de novos horizontes para este se dará com a vivência nele, não a partir de sua “objetificação” ou transformação em uma parte submetida a testes científicos. Nessa perspectiva, por meio da experiência humana no mundo, a consciência acessa o outro através das suas vivências.

Destaco que o conceito de “mundo-da-vida” em Husserl (2008) está intimamente ligado à percepção, ou seja, o mundo só é reconhecido através da capacidade humana de se dar conta daquilo que o cerca, vivenciando as mais diversas relações interpessoais possíveis. Levando em consideração que as pessoas percebem o mundo através das suas vivências, Husserl (2008, p. 143) afirma que “a experiência é uma evidência que se joga puramente no mundo da vida e, enquanto tal, a fonte de evidência das verificações das ciências, as quais, por seu turno, não são jamais experiências de algo objetivo”. Deste modo, a capacidade de perceber aquilo que se mostra no mundo liga-se com a descoberta de novos

horizontes neste, isto é, as vivências pessoais promovem a constatação das coisas e pessoas.

Nessa direção, tudo aquilo que acontece no mundo é acessível para todos, caracterizando a estrutura geral do mundo-da-vida, que para Husserl (2008) possibilita a vinculação das pessoas ao que acontece, isto é, os seres humanos têm acesso aos acontecimentos, sendo influenciados de várias maneiras por estes. Dessa forma, o mundo é o que se vive e local de todas as práticas possíveis, onde não há inseparabilidade entre o mundo-da-vida, pessoas e objetos nele existentes. Nas palavras do próprio autor:

A vida é permanentemente viver-na-certeza do-mundo. Viver desperto é ser desperto para o mundo, ser constante e actualmente “consciente” do mundo e de si mesmo como vivendo no mundo, vivenciando efectivamente, realizando efectivamente a certeza do ser do mundo. Esta está aí pré-dada, em qualquer caso, da maneira como em cada caso são dadas coisas singulares. Subsiste, porém, uma diferença fundamental na maneira da consciência do mundo e da consciência do objecto (num sentido maximamente vasto, mas puramente referente ao mundo da vida), enquanto que, por outro lado, uma e outra constituem uma unidade inseparável (HUSSERL, 2008, p.156-157).

É preciso destacar que na perspectiva husserliana as vivências no mundo não são experiências abstratas ou divagações filosóficas, por outro lado Husserl reflete acerca da experiência humana direta com aquilo que o cerca, isto é, sem qualquer elemento que impeça o seu vivido. Em outras palavras, o mundo-da-vida é onde as evidências aparecem de modo autêntico, ou seja, originalmente, como se mostram. Nas palavras do próprio autor:

O mundo da vida é um domínio de evidências originárias. O dado evidente é, conforme o caso, experienciado na percepção como “ele mesmo” em presença imediata, ou na recordação como ele mesmo recordado; qualquer outro modo da intuição é uma presentificação dele mesmo; todo o conhecimento mediado pertencente a esta esfera, ou dito de modo lato: qualquer modo da indução tem o sentido da indução do intuível, de um possivelmente perceptível como ele mesmo, ou de um recordável como tendo-sido-percebido, etc. (HUSSERL, 2008, p. 142)

Dessa maneira, olhar de modo instrumental ou técnico o fenômeno da violência urbana e as suas várias “influências” na vida e no ambiente das pessoas é comum às ciências naturais e positivas, que buscam explicar os acontecimentos de maneira universalizada, fazendo com que tudo se transforme em regras gerais. Tal postura encontra resistência na ótica husserliana, que, ao pensar os objetos no mundo-da-vida, percebe-os como objetos dados, disponíveis à consciência intencional, isto é, fenômenos que possuem sentido.

Diante da violência nas cidades brasileiras, vejo que a sua relação com a busca por dinheiro e/ou bens materiais, costuma ser “explicada” de várias maneiras, principalmente do ponto de vista econômico, entretanto na perspectiva fenomenológica não pode ser encerrada numa concepção puramente financeira ou científica, justamente porque é no mundo que tais fenômenos ocorrem, possibilitando uma infinidade de horizontes para que se mostre sem ser um fato objetivo. Guimarães (2012, p.8) permite a reflexão sobre o mundo-da-vida afirmando que “mundo é mundo vivido na concretude da nossa experiência. Seus fundamentos são descobertos a partir da percepção humana dos seus sentidos, dos seus horizontes”.

A partir das questões levantadas, várias indagações surgem: Como é possível ver o mundo a partir de outra perspectiva que não seja a da violência? Quais os elementos do mundo que fundamentam a violência e as suas “influências” na saúde e no ambiente das pessoas? De que forma é possível viver saudável em um espaço onde impera a lógica da violência e do consumismo desenfreado?

Neste cenário, tendo como auxílio a atitude e o método fenomenológico em Husserl (2008), observo que o fenômeno da violência está relacionado a uma gama de sentidos e significações, precisando ser compreendido de acordo com os diversos modos de se manifestar no mundo, e não somente através dos meios de comunicação, governamentais e acadêmicos.

Diante disso, surgem mais questões: De que modo as pessoas na contemporaneidade podem se dar conta dos casos de violência tão naturalizados no mundo? Como podemos ordená-lo sob um sentido contrário ao da espetacularização da violência urbana cotidiana? Como a violência relacionada à busca por dinheiro e bens materiais se revela? De que maneiras a violência urbana impacta direta ou indiretamente a saúde das pessoas e como influencia o surgimento de espaços e bairros inseguros?

A fim de encontrar maneiras para tentar compreender essas questões, busco fundamentação na Psicologia de orientação fenomenológica, a qual incentiva o (des) velamento, ou seja, a retirada do que envolve os fenômenos que se referem ao dinheiro e a violência, buscando auxiliar a saída da atitude ingênua. Esta postura intelectual/crítica de rigor permite a percepção de outras possibilidades para a vida, diante das relações violentas pautadas pela busca de bens materiais. A

fenomenologia, portanto, busca uma atitude reflexiva diante do que se apresenta primeiro tentando compreender. Concordo com Borba (2013, p. 12) quando afirma:

O psicólogo deve possibilitar o (des) velamento dos fenômenos, no caso em questão daqueles relacionados ao apego, ao dinheiro, ao consumismo e ao endividamento. Agindo assim, ele talvez possibilite a saída da atitude ingênua, ou seja, levando o homem a assumir o absurdo e a responsabilidade da sua própria existência.

A atitude ingênua e reducionista de lidar com o “outro” através da violência é uma característica do mundo que nos circunda, mundo esse que para Husserl (2006) é o mesmo que está plenamente disponível para uma orientação reflexiva. É possível perceber que o modo natural/ingênuo de se relacionar com as pessoas e coisas insiste em permanecer como uma maneira “comum” de viver contemporaneamente, de forma que muitos continuam em atitude irreflexiva diante de outras possibilidades de enxergar os fenômenos que envolvem a busca pelo dinheiro. Dessa forma, é perceptível que as pessoas são cada vez mais vinculadas exclusivamente ao dinheiro e aos bens materiais, sendo estes apontados como o “único” caminho para que alguém exista socialmente, a ponto de muitos seres humanos escolherem os modos mais violentos para a sua obtenção.

Em decorrência das atitudes cada vez mais naturalizadas no mundo-da-vida, Husserl propôs uma alteração radical da maneira ingênua de ver. Por intermédio da *epoché*, Husserl (2008) propõe a suspensão dos juízos, enquanto uma atitude interessada do ser humano de perceber de forma direta o que acontece, suspendendo temporariamente todos os elementos ou teorias que sirvam de impedimento para que o indivíduo se dê conta daquilo que acontece em sua plenitude, tais como as explicações científicas ou julgamentos antecipados. Husserl (2008, p.161) afirma que:

Na efetivação desta *epoché* estávamos manifestamente ainda sobre o solo do mundo; ele está agora reduzido ao mundo da vida para nós pré-cientificamente válido, não fazemos uso, como premissas, de absolutamente nenhum saber proveniente das ciências, e só podemos levar em linha de conta as ciências à maneira de factos históricos, sem uma tomada de posição específica sobre a sua verdade.

Dito isto, é preciso considerar que a atitude de suspender os juízos ou colocar entre parênteses a atitude natural, não significa deixar de vivenciar os fenômenos do mundo, pois estes se encontram constantemente à disposição e afetam o pesquisador, no entanto, não se usa esta vivência como uma explicação única e imediata do que ocorre. Esta atitude visa à saída da atitude natural ou

ingênua, a fim de uma atitude consciente e intencional de consideração dos fenômenos do mundo como se mostram (TOURINHO, 2015).

Nessa mesma esteira de entendimento, a *epoché* fenomenológica é uma estratégia metodológica hussserliana que não busca negar ou abrir mão da existência do mundo, pelo contrário, prima pela recuperação do seu sentido buscando evidenciar os fenômenos como se manifestam originariamente. O exercício da *epoché* exige preocupação com a existência do mundo atrelada à consciência intencional que dá sentido a este, em outras palavras, o mundo-da-vida e os seus elementos só têm representação ou sentido, devido a atitude humana de percebê-los intencionalmente.

Diante da “objetificação” e banalização da violência contemporânea, verifico uma sociedade em que predomina o estilo de vida instrumental. Percebo pessoas reduzidas a números, tratadas como pertencentes a categorias específicas, denominadas de consumidores, clientes, contribuintes, dentre outros termos, sempre sendo referidas àquilo que podem produzir economicamente.

Tendo em vista o olhar fenomenológico, compreendem-se as relações sociais no mundo, da maneira como se manifestam, sendo necessária a desvinculação de qualquer modelo “categorizante” e generalista propagado pelo positivismo como fundamento para os acontecimentos e conceituação de pessoas. A Fenomenologia, dessa forma, questiona a “artificialização” do mundo, preocupando-se com a vivência direta neste e com a não regularização das coisas, pois apesar da regularidade ter seu lugar, não há nestes, um aprofundamento no que funda o fenômeno. Nessa direção Borba (2013, p.10) afirma que:

Há entre fenomenólogos e psicólogos (de orientação fenomenológica e existencial) uma concordância de que é no mundo que os fenômenos precisam ser compreendidos, nas suas mais variadas formas de manifestação, respeitando-se o movimento dos fenômenos, por isso não os isolamos ou os neutralizamos. É preciso deixar o homem no mundo da vida, em movimento, lançá-lo ao mundo.

Buscando uma atitude crítica da relação entre a violência e busca pelo dinheiro, a Fenomenologia incentiva à crítica da conceituação do “outro” como uma mercadoria ou uma forma de “ganhar algo em troca”, todavia mostra e exige uma abertura de horizontes em relação a este, isto é, um olhar direto para as relações interpessoais, o qual requer uma iniciativa autêntica de percepção do outro, ou seja, a atitude de tentar perceber as pessoas sem rótulos. Nessa direção, a atitude

fenomenológica pode ajudar na obtenção de uma postura crítica-reflexiva diante daquilo que se mostra, possibilitando a descrição e discriminação do que acontece no mundo.

Alfred Shultz (1899-1959), fenomenólogo contemporâneo, também fez considerações sobre o mundo da vida no cotidiano e nas relações intersubjetivas, entendendo-o enquanto um cenário de ações e interações, ou seja, o autor concebe o mundo enquanto um lugar onde o homem plenamente consciente age, fora de categorias *a priori*. Nessa perspectiva, Shultz (2012) argumenta que agir de maneira natural ou habitual no mundo implica em seguir todos os pressupostos básicos aplicados na esfera pessoal, isto é, acreditar em todos os sistemas de interpretação como uma verdade absoluta.

O “mundo da vida cotidiano”, como denomina Shultz (2012), promove as interações intersubjetivas, de modo que toda a interpretação e experimentação deste é fruto das vivências dos nossos antecessores, assim como das pessoas contemporaneamente. Em outras palavras, toda a referência que temos do mundo provém das relações interpessoais. Como diz Shultz (2012, p. 85) “o mundo da vida cotidiano é o cenário e também o objeto de nossas ações e interações”.

É preciso destacar que ao pensar nas relações interpessoais, Shultz (2012) reflete sobre de que maneira os elementos do mundo afetam nossos sentidos, bem como de que forma as pessoas isolam características do local onde vivem, colocando barreiras que impedem a sua visão autêntica dos fenômenos. Diante disso, o autor delinea a sua noção de atitude natural, que tem um caráter eminentemente prático, ou seja, com essa postura não há reflexão sobre o que se dá no mundo.

Pensando nas contribuições sobre o mundo da vida e atitude natural de Husserl, atualizadas por Shultz (2012), vejo que mediante os casos cotidianos e naturalizados de violência urbana na capital maranhense, é urgente que haja o questionamento da atitude comum e exacerbada desta, dando lugar a uma atitude reflexiva e crítica sobre a sua relação com a busca de bens materiais valorizados nesta época. Deste modo, as pessoas que agem de maneira reflexiva-crítica buscam uma tomada de consciência, além de refletir sobre as suas ações diante do outro e do dinheiro, quebrando o paradigma vigente do não reconhecimento do fundamento das coisas.

Acentuo que a incapacidade de fazer discriminações em relação ao fundamento das coisas, numa sociedade influenciada pelas relações econômicas, também foi discutida por Simmel (1976), que chamou tal postura de atitude *blasé*. Esta atitude não se refere literalmente à falta de capacidade de notar o que acontece, mas relaciona-se com a incapacidade de discriminar o significado daquilo, ou seja, a função do que existe não é percebido. Simmel (1976, p.16) afirma que:

A essência da atitude *blasé* consiste no embotamento do poder de discriminar. Isto não significa que os objetos não sejam percebidos, como é o caso dos débeis mentais, mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância.

Atualizando estas considerações, percebo que atualmente a desconsideração da vida humana cresce de forma inversamente proporcional a uma análise reflexiva das pessoas em relação ao “outro”. Por exemplo, as somas pagas por aquilo que é mais íntimo ou individual de alguém, como a vida, possivelmente mostram o nível de irracionalidade humana e inferioridade atribuída à dignidade alheia.

No que tange a violência na cidade de São Luís – MA, percebo, para além dos dados divulgados de crimes nos últimos 10 anos, a sensação de medo, a falta de confiança da população no acesso aos transportes e espaços públicos de lazer, bem como o apogeu das facções criminosas que refletem a necessidade de medidas mais eficazes de prevenção e repressão ao crime organizado por parte do Estado.

A percepção da violência urbana na capital maranhense não se limita aos assaltos e furtos, no entanto mostra-se mais impactante quando se relaciona à banalização da vida, principalmente, dos mais jovens, em grande medida homens negros e moradores de bairros da periferia, embora este cenário afete todas as classes sociais e bairros da elite. Nesta esfera, a saúde dos ludovicenses é influenciada direta e indiretamente pela violência na cidade, tanto do ponto de vista físico como subjetivo, na maioria das vezes impulsionada pela disputa do lucrativo tráfico de drogas, acesso a bens materiais valorizados e busca por *status* social e poder.

Vejo, portanto, de forma patente, a maneira ingênua pela qual tem sido tratada a individualidade humana, sendo degradada através das formas mais

danosas como o tráfico de drogas, os crimes por encomenda, assaltos, latrocínios, dentre outros exemplos. Em contrapartida, a Fenomenologia husserliana se inclina ao retorno do fundamento do que é a violência urbana, ou seja, questiona o fundamento do fenômeno, sem qualquer tipo de pressuposto, como por exemplo, o financeiro que trata as pessoas como mercadorias ou números.

Nessa relação, verifico que as ciências de orientação positivista, em muitos momentos, tropeçam na tentativa de compreensão dos fenômenos humanos, pois ao lidar com estes vinculam-se aos seus pré-conceitos, enquadrando os modos de “ser” e “estar” das pessoas em categorias específicas. Essa relação transforma os comportamentos em doenças passíveis de medicação, classificação e realiza testes experimentais como um modelo universal de explicação do ser humano e suas idiossincrasias.

Husserl (2008), porém, já criticava o objetivismo e o naturalismo das ciências, que se vincularam ao conhecimento “pré-cientificamente” já dado e natural, o que de certo modo inviabilizaria a compreensão dos fenômenos em sua manifestação, uma vez que os cientistas, supostamente, já teriam informações prévias sobre situações de modo generalizante, mesmo ainda, não tendo nenhum contato direto com o objeto da pesquisa.

Diante do que foi apresentado, é provável que um número expressivo de estudos ainda não tenha se preocupado com o retorno ao que funda o fenômeno da violência urbana relacionada à busca de dinheiro e bens materiais, assim como as suas consequências na saúde humana. De forma contrária, a Fenomenologia preocupa-se em alcançar estes fenômenos de forma pura, ou seja, sem quaisquer teorias que impeçam a autenticidade do que acontece, fundamentando-se no que Husserl (2008) denominou como o método mais adequado para a Psicologia e as demais ciências, isto é, a redução fenomenológica, que se preocupa em reconduzir os fenômenos ao seu sentido original. Husserl (2008, p. 247), afirma que “para alcançar o tema puro e próprio da “psicologia descritiva” requerida é necessário um método exercido de modo inteiramente consciente que – neste contexto, como método da psicologia - denomino redução fenomenológico-psicológica”.

Reafirmo que o ponto de partida para uma investigação fundamentada e sem pré-conceitos das relações sociais, permeadas pelo dinheiro e violência, é o mundo-da-vida (*Lebenswelt*), onde os fenômenos acontecem, sendo que o retorno a

esse mundo pode proporcionar a abertura de novos horizontes para os homens contemporâneos diante do dinheiro e das relações sociais criadas por estes.

4 “EPIDEMIA” DA VIOLÊNCIA NO BRASIL E MARANHÃO.

Neste capítulo, tomo emprestada a ideia de “epidemia”, termo cunhado pelas ciências naturais, não para apontar os números excessivos de uma determinada doença, mas para evidenciar a concentração em demasia dos casos de homicídios, furtos, assaltos e latrocínios, principais representantes da violência urbana nas cidades brasileiras. Os dados utilizados foram publicados nos anos de 2016 e 2017 e mostram o cenário da violência urbana ao longo do país expressos entre os anos de 2014 a 2016.

É importante ressaltar que a incompletude dos dados, os quais são quantificados somente a partir dos dados oficiais, não considera a expansão urbana acelerada das periferias de alguns centros urbanos, além do avanço e estabelecimento das facções criminosas no interior do Estado, apontando para a possibilidade de limitação na análise da violência urbana no Maranhão (SMDH, 2017).

Aliado a isso, uma das principais dificuldades do Estado brasileiro tem sido na efetivação de ações para a diminuição da violência diante da relevância do tema em âmbito nacional. Nesse cenário, o entendimento dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS), tais como: mudanças ambientais e climáticas, desigualdades sociais e de saúde, ambientes insalubres, dentre outros, ajudam na compreensão do que fundamenta a problemática em questão.

Brasil (2005) destaca a violência enquanto um problema de saúde pública, uma vez que há fenômenos individuais, econômicos, culturais e sociais que a influenciam. Nesse sentido, o saber científico necessita de uma articulação política com os diversos setores e saberes presentes no cenário nacional.

É necessário destacar que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946), as mortes violentas têm sido classificadas de forma geral como “mortes por causas externas”. Nessa categoria são incluídos os homicídios, suicídios, acidentes, lesões por intervenção legal, dentre outros.

A violência é definida pela OMS (2002, p.5) como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que

resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Esta definição chama a atenção para o caráter abrangente deste fenômeno, que não se limita às lesões, mortes e demais traumas físicos, porém se expressa em relações de poder que podem trazer danos psicológicos, opressão pessoal, familiar e comunitária. Em outras palavras, a violência é muito mais do que assaltar ou tirar a vida de alguém, no entanto, pode se manifestar na religião, família, local de trabalho e nas diversas instituições sociais.

Os indicadores da violência demonstram o seu aumento significativo no Brasil, mostrando a sua característica complexa e multifacetada. Waiselfisz (2016), por exemplo, mostra que o Brasil ultrapassou o registro de 59, 5 mil mortes violentas em 2014, levando em consideração que as regiões Norte e Nordeste foram as que mais apresentaram aumento de homicídios no período de 2004 a 2014.

O autor supracitado aponta ainda que o Estado do Maranhão obteve um crescimento de 367%, entre os períodos de 2004 a 2014, nos homicídios por arma de fogo, ficando somente atrás do Estado do Rio Grande do Norte no espaço de tempo analisado. É fundamental destacar que a mortalidade por armas de fogo nas capitais superou os índices dos Estados, registrando um percentual maior de vitimização da população (WAISELFISZ, 2016).

Neste cenário de constantes mortes e naturalização da violência, a capital maranhense alcançou, entre 2004 e 2014, um aumento de 404,9% de homicídios por arma de fogo, sendo superada apenas pela cidade de Natal-RN, com um aumento no mesmo período de 490,5%. É interessante destacar que essas taxas aumentaram em capitais que eram consideradas “tranquilas” no início do século XXI, como Fortaleza-CE, Natal-RN e São Luís-MA, havendo a necessidade de mais estudos e pesquisas que apontem os possíveis motivos da escalada da violência, principalmente, nas capitais nordestinas (WAISELFISZ, 2016).

Nesta perspectiva, as mortes violentas intencionais (MVI), caracterizadas pelos homicídios dolosos, latrocínios, mortes decorrentes de intervenções policiais dentro e fora do serviço, assim como as lesões corporais seguidas de morte, ganharam “destaque” no cenário nacional nos anos de 2014 e 2015, conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2016).

O Brasil chegou à marca de 58.467 mortes violentas em 2015, considerando vítimas de homicídios dolosos, lesões corporais seguidas de morte, latrocínios e mortes decorrentes de intervenções policiais, haja vista que o Maranhão registrou 2.333 casos neste mesmo ano. O Estado do Maranhão também apontou a marca de 5.082 casos de furtos e roubos de veículos registrados em 2014 e 6.305 no ano de 2016 (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016).

Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2017) estimam que no Brasil houve 7 pessoas assassinadas por hora em 2016 diante de 61.283 mortes intencionais no país, ou seja, o maior número já registrado na história nacional até então. Em face do disposto, o Maranhão aparece como um dos estados da federação em que não houve redução das mortes violentas intencionais (MVI)⁵ no período analisado, de modo que foram registrados 2.280 casos em 2016 e 2.342 casos em 2017, representando um aumento de 2% (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017).

O Atlas da Violência (2017) reforça a conjuntura das mortes violentas apontando que em 2015 houve 59.080 homicídios no Brasil. Isso representa uma taxa de 28,9 por 100 mil habitantes. Foram considerados na quantificação desse número, os óbitos causados por agressão e intervenção legal, isto é, mortes cometidas por representantes do Estado no exercício da profissão. O fenômeno da violência, portanto, mostra-se como naturalizado na sociedade brasileira, além de permanecer “influenciando” o crescimento econômico, a mortalidade em massa da juventude masculina de baixa renda, e, principalmente, a saúde da população. O Maranhão figura como um dos estados da federação com um dos maiores índices de crescimento da violência entre 2010 e 2015 (52,8%), mas com uma pequena queda de -1,7% entre 2014 e 2015 (CERQUEIRA, ET AL, 2017).

A “epidemia” dos linchamentos no Maranhão é um fenômeno que também vem crescendo ao longo dos anos. A Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH, 2017) registrou, com base nos relatórios mensais da SSP-MA e no monitoramento de jornais e *blogs* da internet, 38 linchamentos com 42 mortes no

⁵ As Mortes Violentas Intencionais (MVI) se referem às vítimas homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais fora e em serviço (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017).

ano de 2016, de modo que somente na região metropolitana de São Luís – MA foram evidenciados 26 linchamentos com 29 mortes neste mesmo ano.

No que se refere à violência nas escolas, destaco que na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE - 2015) foi constatado que a violência interfere diretamente na relação dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental com o ambiente onde vivem, pois 14,8% da amostra deixou de ir para a escola pelo menos uma vez nos 30 dias anteriores à pesquisa, por conta da falta de segurança na sua região (BRASIL, 2016).

Outro fenômeno a ser considerado nesta questão é o envolvimento destes estudantes em brigas, utilizando-se de armas de fogo e objetos perfurantes. Na pesquisa foi constatado que 5,7% dos escolares afirmaram o uso de arma de fogo, sendo que (7,9%) representam o sexo masculino. Os das escolas públicas foram os maiores representantes (6,1%).

Em relação ao uso de arma branca em brigas, 7,9% dos investigados declaram o uso deste “instrumento”, visto que são representados em grande maioria, mais uma vez, pelos estudantes do sexo masculino (10,6%) e de escolas públicas, com o total de 8,4% nos 30 dias que antecederam a pesquisa (BRASIL, 2016). Estas constatações apontam para a possibilidade de danos psicológicos e físicos a estudantes e seus familiares, professores e demais funcionários das escolas diante da lógica acentuada da violência, que se alastrou pelos diversos ambientes de convivência humana.

Pensar no cenário da violência no âmbito escolar aponta, não somente para os impactos na saúde e dinâmica das populações, mas também afeta o desenvolvimento socioeconômico e os modos de se relacionar. Fatores como as características sociais e econômicas das vítimas, a baixa escolaridade, o desemprego, a juventude e raça negra, são evidenciados como peculiares na maioria das pessoas mortas de forma violenta no Brasil, evidenciando que a consolidação da violência se dá através de múltiplos “determinantes” e categorias.

O Maranhão apresenta ainda uma das maiores taxas de desemprego do país (14,6 % em 2017). O IBGE, por meio da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio Contínua – PNAD, revela dados sobre a evolução do mercado de trabalho no Brasil atualizados a cada trimestre. Na região metropolitana de São Luís – MA a

taxa de desocupação das pessoas⁶ de 14 anos ou mais de idade chegou a 19,8 % no trimestre de abril, maio e junho de 2017, com uma variação de 3,4% em relação ao trimestre de 2016 (IBGE, 2017).

Diante disso, vejo as desigualdades e o desemprego como importantes Determinantes Sociais da Saúde - DSS que afetam direta ou indiretamente a queda do sentimento de pertencimento e dignidade das pessoas na cidade, bem como na deterioração da saúde e aumento da violência. Neste contexto, os DSS indicam fenômenos complexos e multifacetados que afetam de maneira significativa as relações sociais, a qualidade de vida e do ambiente, bem como os gastos públicos com segurança e saúde.

Na perspectiva de Carvalho (2013) os DSS se refletem nas condições em que as pessoas nascem, vivem, trabalham e envelhecem (condições econômicas e sociais) e estão relacionados às características físicas do ambiente, isto é, aos locais insalubres, as condições laborais, influências da qualidade do ambiente na saúde pessoal e no planejamento urbano.

Na perspectiva do autor supracitado, a estratificação social, ou seja, a divisão da sociedade em classes sociais, também influencia a saúde dos indivíduos. Fenômenos como o preconceito, a desigualdade social, de ocupação e renda, discriminação, bem como as características do local onde as pessoas habitam com efeito, promovem a desigualdade na promoção da saúde. Nas palavras do próprio autor, as desigualdades são “mecanismos estruturais que alteram o posicionamento social dos indivíduos e são a causa mais profunda das iniquidades em saúde” (CARVALHO, 2013, p.20).

O relatório do Ministério da Saúde/Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (2008, p.11) mostra que “as violências representam a 3º causa de morte na população em geral; entretanto, são as principais responsáveis pela morte dos brasileiros de 1 (um) até 39 (trinta e nove) anos de idade”. Este relatório ainda mostra que:

⁶ São consideradas como pessoas desocupadas aquelas, que no período de referência analisado, tomaram alguma atitude efetiva para conseguir um emprego e que estavam disponíveis para iniciar em um trabalho no período de referência pesquisado. Também são classificadas como desocupadas as pessoas não ocupadas e disponíveis para iniciar um trabalho na semana de referência que, no entanto, não tomaram providência efetiva para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias porque já haviam conseguido trabalho para começar após a semana de referência (IBGE, 2017).

A maioria dos homicídios concentra-se na faixa etária de 20 a 29 anos, com grande impacto sobre a saúde, diminuição da qualidade e da expectativa de vida de adolescentes, jovens e adultos jovens. Esta situação é vivenciada em nosso dia-a-dia, nos casos mais cruéis e bárbaros estampados nos veículos de comunicação (BRASIL, 2008, p.11).

Dahlberg e Krug (2002) afirmam que esta constatação entra em conflito com aquilo que a OMS entende como a tarefa da saúde pública para com a violência, ou seja, a de investigar por que esta ocorre, isto é, explorar maneiras de intervenção, além de executar e avaliar as intervenções decorrentes desta. Segundo as autoras, o fundamento da saúde pública é a prevenção, pela qual se deve buscar minimizar ou evitar as situações de violência, e quando for o caso, compreender e intervir nas suas consequências. Entretanto, há no país muitas discussões, estudos, pesquisas e pouquíssimas intervenções governamentais eficientes na prevenção e combate da violência nas cidades.

O Maranhão, nesse cenário, foi um dos estados com o maior ritmo de crescimento, segundo o Atlas da Violência 2016, chegando a 209,4% de aumento entre o período de 2004 a 2014. A região metropolitana de São Luís que apresentava uma população estimada em 1.381.459 pessoas em 2014 apresentou uma taxa de homicídio de 84, 9/100 mil habitantes, sendo o primeiro lugar entre as microrregiões do Brasil (BRASIL, 2016).

A Secretaria de Segurança Pública do Maranhão (SSP/MA) utiliza como metodologia para o registro dos Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI), que são aqueles referentes aos homicídios dolosos, lesões corporais seguida de morte e os roubos seguidos de morte (latrocínios), a coleta de informações das delegacias distritais e especializadas da Polícia Civil por meio do Sistema Integrado de Gestão Operacional (SIGO), do Centro Integrado de Ações de Segurança (CIOPS) e do Instituto Médico Legal (IML).

Segundo a SSP/MA⁷ os homicídios vêm caindo no Estado, uma vez que foram registrados 910 homicídios em 2014, 800 em 2015 e até setembro de 2017 foram contabilizados 302 homicídios dolosos, 10 roubos seguidos de morte e 17 casos de lesão corporal seguida de morte (SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO MARANHÃO, 2017).

⁷ Ver em: <https://www.ssp.ma.gov.br/2015/09/09/estatisticas-homicidios-cvli-grande-sao-luis/>

TABELA 01: Quantitativo de CVLI em São Luís - MA até o mês de setembro de 2017.

GRANDE SÃO LUÍS													
São Luís	Jan/17	Fev/17	Mar/17	Abr/17	Mai/17	Jun/17	Jul/17	Ago/17	Set/17	Out/17	Nov/17	Dez/17	Total
Homicídio doloso	44	43	39	33	31	39	20	25	24				302
Roubo seguido de morte	0	2	3	0	1	2	2	0	0				10
Lesão corporal seguida de morte	2	0	4	1	3	2	1	2	1				17

Fonte: Secretaria de Segurança Pública do Maranhão – SSP/MA

Nesta direção, verifico que o modo de quantificação dos casos de violência no Estado, demonstrado acima, refere-se somente ao que é registrado oficialmente, não abarcando todos os casos da cidade, que acabam caindo na “invisibilidade” pública. É interessante frisar que até o ano de 2005, o Maranhão apresentava baixa taxa de homicídio (15,3 %), fato que dificulta o entendimento sobre os possíveis motivos da escalada exponencial das mortes violentas no Estado (CERQUEIRA, et al, 2017).

Acentuo que, embora o aumento da violência e da sensação de insegurança esteja relacionado na maioria das vezes às grandes cidades ou regiões metropolitanas, o seu aumento nas pequenas cidades do Brasil é notório. Endlich e Fernandes (2014) argumentam que a vida tranquila do interior já não mais existe, uma vez que os homicídios, assim como os crimes relacionados à busca por patrimônios de forma ilícita, como: os furtos, roubos, assaltos a bancos, casas lotéricas e agências de correios cresceram.

Em face do disposto, as autoras supracitadas investigaram fontes de jornais eletrônicos de todo o país, encontrando uma grande quantidade de notícias sobre a violência em pequenas cidades, desconstruindo o ideal de tranquilidade e segurança outrora em vigor. Apesar de a violência acompanhar a história humana, é possível mencionar que com a intensificação do capitalismo e da globalização, bem

como pela expansão do tráfico de drogas, o consumo de produtos ilícitos e a presença insuficiente de autoridades policiais e de uma Política Pública de segurança, deparamo-nos com a onipresença e “desterritorialização” desta, de forma que esta não pode mais ser evidenciada num espaço ou grupo exclusivo (ENDLICH E FERNANDES, 2014).

Apesar de os números apresentados acima mostrarem a explosão das várias manifestações da violência em várias cidades do Brasil, é imprescindível mencionar que a notificação das violências interpessoais têm crescido no cenário nacional nos últimos anos enquanto ações de cuidado e vigilância em saúde.

Por exemplo, o Ministério da Saúde (MS) normatiza a questão apresentada através das seguintes estratégias: Política Nacional de Redução da Mortalidade por Acidentes e Violências, que contempla ações de prevenção e promoção da saúde desses eventos; Política Nacional de Promoção da Saúde – PNPS, que propõe a qualificação, ampliação e medidas de promoção da saúde à gestão e serviços do Sistema Único de Saúde (SUS); além da publicação de Portarias como a nº 104, de 25 de janeiro 2011 e nº 1.271, 6 de junho de 2014, que incluem e estabelecem a notificação compulsória imediata (24h), respectivamente, da violência doméstica, sexual e outras violências (BRASIL, 2017).

Aliado as ações governamentais, é urgente que se repense as estratégias para o combate da violência urbana, que não é algo novo no cenário acadêmico e popular nacional, uma vez que esta problemática vem tendo efeitos diretos na morbidade e mortalidade da população (PERES, 2015).

Embora haja muitas manifestações escritas sobre a violência urbana, é provável que o mesmo ainda seja pouco debatido em alguns setores da saúde. Delgado (2012) salienta, por exemplo, que no campo da atenção psicossocial, apesar de haver indícios de psicopatologias associadas a traumas por conta da violência nas cidades, ainda há no Brasil dificuldades para a sistematização de estudos e intervenção efetiva, principalmente, no campo da saúde mental. De fato, ao longo desta pesquisa não foram encontrados estudos que notificam e/ou analisam os impactos da violência na capital maranhense no âmbito da saúde emocional dos seus cidadãos, fato que se torna imprescindível e urgente diante da relevância e consequências danosas que a violência urbana promove.

A notificação das várias manifestações da violência se faz necessário para que haja, além da busca pela atenção integral à pessoa, a retirada desses casos da invisibilidade, promovendo a sua prevenção e dando condições para que a rede de garantia de direitos se articule e seja acionada, com o objetivo de que haja um compromisso ético e desburocratizado com a pessoa que vivenciou a violência e a sua família (BRASIL, 2017).

Tendo em vista que a violência nas cidades brasileiras cresceu nos últimos 10 anos, tanto nas metrópoles quanto nas cidades pequenas, há a necessidade urgente da comunidade científica e da sociedade em geral compreender a sua origem e combater as consequências deste fenômeno na saúde das populações, assim como os gastos que ocasiona aos cofres públicos do país.

Dessa forma, a violência urbana precisa ser entendida, não somente como um caso de polícia ou atrelado à política de segurança pública, no entanto deve ser pensada e efetivada estrategicamente como uma política de saúde, em que pese ações de prevenção, tratamento e reabilitação.

5 CUSTOS DA VIOLÊNCIA NO BRASIL E MARANHÃO.

É necessário conhecer quanto se gasta com a violência urbana, a fim de que seja possível pensar e orquestrar ações e políticas públicas que visem à minimização dos impactos desta nas cidades brasileiras, bem como alocar os recursos necessários, não somente para a prevenção, mas também para o combate às consequências desastrosas, como danos físicos, psicológicos e segregação urbana que ocasiona.

A violência também promove despesas públicas em decorrência das internações hospitalares, com medicamentos, perda do potencial de trabalho, ausência no consumo de bens e serviços e na queda da qualidade de vida, prejudicando a circulação de valores e serviços. Cerqueira *et al* (2007, p.12) corroboram com esta afirmação quando dizem que:

Existem ainda outros custos intangíveis de grande magnitude, dentre os quais destacamos a perda de rendimentos por dias não trabalhados; a dor, sofrimento e diminuição de qualidade de vida, além da perda de capital humano por mortalidade, morbidade ou traumas psicológicos, que levam a uma diminuição da produtividade do indivíduo.

Os números e as estatísticas oficiais talvez não quantifiquem uma das faces mais traumáticas das consequências da violência, isto é, os danos físicos e emocionais das vítimas, de quem presencia e até daqueles que a cometem, os quais não são medidos em números e tabelas disponíveis publicamente. Dito isto, o foco não deve ser apenas no quanto se ganha ou se perde devido aos altos índices de violências, mas no que representa este fenômeno para os atores envolvidos, para a sociedade e, principalmente, na efetivação de políticas públicas de prevenção e tratamento da saúde.

Infelizmente, as estatísticas oficiais não dão conta de mensurar as várias maneiras de sofrimento, ou seja, os danos à saúde promovidos pelas diversas formas de violências. Zaluar (2005) faz uma crítica à valorização exacerbada do modelo quantitativo como solução ou explicação da violência, uma vez que há outros fenômenos, como o sofrimento psicológico ou psíquico, a serem destacados que não são “visíveis” nos dados oficiais. A autora supracitada afirma que:

A mídia e muitos outros pesquisadores debruçam-se sobre as últimas estatísticas oficiais como se fossem assim compreender tudo e resolver o problema. Contudo, além dos mortos e feridos que podem ser contabilizados em delegacias e hospitais, há também que se levar em conta os sofrimentos psíquicos e morais. Os primeiros são visíveis e publicizáveis.

Os segundos são invisíveis e deles pouco se fala. As vítimas da violência que sobrevivem não têm apenas as deficiências físicas que decorrem das agressões sofridas. As marcas traumáticas no seu psiquismo são tão ou mais graves e muitas jamais cicatrizam (ZALUAR, 2005, p. 2)

Vale destacar que a análise dos custos sociais da violência urbana no Brasil ainda conta com a iniciativa de alguns órgãos gestores de políticas públicas ligadas ao tema, como o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Atlas da Violência. Todavia, há dificuldades metodológicas de mensuração dos gastos sobre os diferentes danos que a violência proporciona. Como alertam Cerqueira *et. al.* (2007) é difícil associar as várias consequências de um roubo, por exemplo, pois pode haver simultaneamente vários danos.

Nesta mesma ótica, Peres (2015) reflete que os estados brasileiros aumentaram significativamente as despesas com segurança pública, o que implica dizer que os seus custos passaram de R\$ 48 bilhões em 2002 para R\$ 81 bilhões em 2015, representando 1,5% do PIB nacional. É válido ressaltar que os municípios brasileiros apresentavam baixos custos com a violência na década de 90, com um aumento exponencial a partir de 2002. Tais custos são oriundos, principalmente, de recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública (FNSP). As despesas da política pública de segurança no Brasil alcançaram 76, 3 bilhões somando a união, os estados e municípios, uma vez que estes últimos alcançaram o maior crescimento no período entre 2002 e 2015, registrando 224,9 % de aumento (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016).

O governo do Estado do Maranhão, por sua vez, investiu somente em policiamento R\$ 135. 831.394, 54 em 2015 e R\$ e 217.430.650,82 em 2016, representando um aumento 60,1 % entre anos analisados. Em outras palavras, o Estado do Maranhão tem investido alto em segurança pública, ao mesmo tempo em que a violência aumenta e o bem-estar/qualidade de vida da população diminui (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017).

Neste cenário, Jorge e Koizume (2004) argumentam que a violência, considerada como um agravo externo que não é natural impõe despesas econômicas e humanas em âmbito mundial, promovendo ônus milionários aos sistemas de saúde, falta de produtividade e absenteísmo. Na concepção dos autores, embora a violência no Brasil alcance números “epidêmicos”, os esforços

públicos para conhecer rigorosamente os seus impactos econômicos são principiantes e insuficientes.

Os autores supracitados ainda apontam que do ponto de vista econômico os gastos com a saúde podem ser expressos através de duas categorias: os custos diretos e indiretos. Os custos diretos referem-se às despesas com tratamento, diagnóstico, reabilitação, assim como gastos com transporte de pessoas que acompanham o médico e paciente. Em outros termos, os custos diretos são ônus médicos e não médicos de qualquer agravo à saúde. Os custos indiretos, por sua vez, referem-se à perda de produtividade e de dias trabalhados em decorrência dos problemas de saúde (JORGE e KOIZUME, 2004).

Cerqueira *et. al.* (2007) apresentam também que a nação vem custeando as despesas com a saúde em decorrência das diversas violências nas áreas de internação, procedimentos hospitalares e tratamentos terapêuticos, entretanto não apresentam o quantitativo exato ou aproximado destes gastos.

É necessário destacar que a violência, e as suas mais diversas formas de manifestação, não afeta somente a saúde humana e o quantitativo de gastos públicos neste setor, mas também influenciam nas despesas com a seguridade social, principalmente, no que se refere à invalidez depois de uma ação violenta e/ou aposentadoria por morte, com despesas na contratação de seguros e segurança privada, bem como em programas de prevenção e tratamento ao crime, que são refletidos nas despesas do Sistema de Segurança Pública (CERQUEIRA, *et. al.*, 2007).

A perda da produtividade em decorrência da violência, provavelmente, é mais visível quando se reflete nas despesas que ocasiona aos cofres públicos, contudo, é necessário enfatizar que estas também culminam na morbidade física e/ou psicológica, engendrando prejuízos na perda de dias na escola e ausência no trabalho. Tudo isso tem como consequência a diminuição da demanda de bens e serviços no mercado. Em outros termos, a economia de uma região perde com os efeitos adversos da violência urbana, principalmente por conta da acumulação do capital, pela demanda de pessoas saudáveis, desaceleração do turismo e, a perda de pessoas, na maioria jovens (CERQUEIRA, 2017).

No Estado do Maranhão verifico que ter uma sensação de segurança ou reduzir os danos causados pela violência tem um custo elevado, tanto do ponto de vista individual quanto público. Por conta da violência, muitas pessoas, provavelmente, são forçadas a reordenar as suas vidas, seja buscando um local considerado seguro para viver, parar de frequentar certos lugares, determinar horário, assim como o modo de sair e retornar para casa, evitar possuir bens materiais valorizados, dentre outros aspectos.

Uma vez que as consequências da violência nas cidades são uma das maiores preocupações contemporâneas, obviamente o mercado financeiro buscou garantir lucros, transformando o direito de ir e vir, de moradia segura e o sentimento de tranquilidade em um negócio, que tem dado garantidos e altos retornos financeiros para alguns. Kahn (1999, p.42) me faz pensar neste fenômeno quando afirma:

A violência custa caro, tanto para o país como individualmente, porque “segurança” é um bem desejado por todos, mas cada vez mais escasso. Para garantir este bem, são executados todos os dias dezenas de atos de precaução e adquiridos outros tantos bens no mercado: seguros de toda espécie; cães de guarda; quinquilharias eletrônicas; travas; grades e cadeados de todo tamanho e função.

O consumo de aparatos que visam à segurança como: sensores, câmeras, centrais de alarme, contratação de segurança privada, dentre outros, afetam não somente o mercado financeiro, mas também a paisagem urbana e os modos de uso do espaço nas cidades. Cigana (2016) analisa a (in) segurança que dá lucros, demonstrando que a escalada da violência e a incapacidade do Poder Público em freiá-la oneram os consumidores, que passam a pagar caro pelos custos da proteção.

No entanto, é necessário destacar que do ponto de vista da Economia, nem sempre segurança privada e violência representam uma relação de crescimento. Nazário (2017) pontua que o setor da segurança privada depende de uma economia forte para crescer e que levando em consideração a queda do PIB no Brasil em mais de 7% negativo, totalizando os anos de 2015 e 2016, o setor sofreu um grande impacto, representado, por exemplo, pelo número de demissões no setor.

Ainda assim, os aparatos tecnológicos e as moradias “seguras” ainda representam um ideal de segurança diante dos altos índices de violência no Brasil.

Parafrazeando Cruz (2010, p. 27) criou-se uma “psicoesfera da insegurança acompanhada por uma tecnoesfera da segurança”, promovendo um ideal de moradia expresso no incentivo aos condomínios privados, que tem como principais resultados sociais de suas construções o desmatamento, a diminuição dos espaços públicos, o endividamento e a intensificação do trânsito.

Diante disso, me inquieto com as seguintes questões: A quem tem servido a onda de criminalidade no país? Quem tem se beneficiado com todo o investimento em Segurança Pública no Estado do Maranhão? Não é uma tarefa fácil encontrar respostas sólidas para tais questões, porém as evidências mostram que, embora o governo do Maranhão tenha “investido” em segurança pública, como apontam o 10º e 11º Anuários Brasileiros de Segurança Pública, evitando muitos atos criminosos e tratando as consequências destes, a violência ainda tem sido um “mal comum” e cada vez mais evidente no cotidiano da capital maranhense.

A violência no Maranhão cresceu mesmo com o aumento do investimento financeiro em segurança pública, uma vez que foram gastos R\$ 1.090.910.232, 28 de reais em 2014 e R\$ 1.155.273.655,69 em 2015, levando em consideração que as taxas de homicídios foram de 27,8 e 29, 1 por 100 mil habitantes, respectivamente, (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016).

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) constatou, por sua vez, que a violência custou US\$ 75.894 milhões ou 3,14 % do PIB do país em 2014, sendo 48% com segurança privada, 36% com despesas públicas e 16% com custos sociais. A região Nordeste, juntamente com as regiões Norte e Centro-Oeste, foram as que mais registraram aumento das taxas de homicídio por 100.000 mil habitantes no período de 2000 a 2014, embora outros crimes violentos, como o roubo seguido de morte, apresentem tendência crescente no Brasil.

Apesar de não ter identificado no *site* oficial do Governo do Estado do Maranhão o quantitativo dos gastos públicos com a saúde em decorrência da violência, é possível que este fenômeno também custe muito caro aos cofres públicos estaduais, principalmente, porque a segurança e saúde são desejáveis por todos. Dessa forma, para que se tenha as respostas para questões como: “Qual o preço que a sociedade ludovicense paga por tanta criminalidade?” “Haveria uma forma mais eficaz de investir os recursos públicos e reduzir a violência?”, os gestores públicos necessitam criar estratégias de medir e compreender os custos da

violência, e, principalmente, investir mais na prevenção e reflexão crítica sobre os impactos desse fenômeno na cultura maranhense.

Percebo que no Brasil é necessário mais estudos científicos publicados para esse fim, provavelmente devido à falta de métodos eficazes e precariedade dos dados coletados. Porém, há alguns estudos que destacam a relação violência - gastos - saúde em Estados como São Paulo e Rio de Janeiro, ainda que variem de metodologia, a depender do local, Kahn (1999, p.43) afirma que:

Já existem algumas tentativas de mensuração de custos da violência feitas no Brasil. Uma pesquisa feita pelo BID estimou que a violência custa 84 bilhões de dólares ao Brasil ou 10,5% do PIB nacional. O economista Ib Teixeira, da Fundação Getúlio Vargas, calcula em 60 bilhões o valor gasto ou perdido, ou 8% do PIB. Somente no Município do Rio de Janeiro, segundo o Iser, a violência custou aos cidadãos cerca de 2 milhões de dólares, ou 5% do PIB municipal de 1995. O problema é que estas estimativas não são comparáveis porque usam metodologias, unidades geográficas e anos diferentes. Nenhuma é necessariamente certa ou errada.

Segundo um dos relatórios do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, um dos poucos estudos que dão um panorama quantitativo dos gastos públicos com a violência, esta dificuldade não ocorre somente por problemas metodológicos ou pela precariedade dos dados, mas por conta da fraca iniciativa de avaliação numérica das políticas públicas. Deste modo é fundamental que se tenha uma avaliação rigorosa dos custos da violência e que se repense a aplicação dos elevados impostos da população nas políticas de segurança, a fim de que a sociedade tenha uma noção aprofundada daquilo que se tem feito com o dinheiro público para esta finalidade (CERQUEIRA, 2007).

É necessário, portanto, investigar de forma direta a finalidade dos atos de violência e (des) cobrir o que envolve este fenômeno. Em outras palavras, é preciso tentar compreender para que a violência tem servido e de que forma vem se manifestando na capital maranhense, fortemente influenciada pela cultura do consumo e do endividamento, assim como pela busca ingênua pela posse do dinheiro, bens materiais, patrimoniais e ascensão social por todas as classes sociais.

A investigação dos custos hospitalares por causas externas ainda é escassa na bibliografia nacional, evidenciando a necessidade de quantificação, qualificação, análises críticas e ações públicas para o melhor investimento dos

recursos nacionais para o tratamento e, principalmente prevenção dos agravos à saúde, em decorrência da violência e das demais causas externas.

Em meio a estas informações, questiono: quais são os meios de se compreender a influência da violência nos gastos com a saúde? Como traçar estratégias para a prevenção, melhor investimento da segurança pública e, principalmente o senso crítico da população ludovicense em relação ao elevado índice da violência urbana e suas consequências na saúde das pessoas?

6 A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NA VIOLÊNCIA URBANA.

Grande parte dos crimes ocorridos em São Luís - MA estão relacionados à disputa pelo poder do tráfico de drogas, acertos de contas e pelas desigualdades no Brasil que se refletem na escassez de oportunidades, principalmente, para os mais jovens, os quais são bombardeados pelo apelo midiático do consumo e poder ininterruptos.

Borba (2016) argumenta que para compreender o capitalismo é necessário investigar as estratégias de captura da subjetividade e a produção da desumanidade que a cultura do consumo promove, assim como a sua busca desenfreada pelo lucro. Segundo o autor, o capitalismo envolve as pessoas de maneira doce, sedutora e hipnotizante, criando condições e as próprias “soluções” efêmeras, a fim de que estas, ingenuamente, sobrevivam. Nessa direção, o capitalismo influencia diretamente no crescimento da violência urbana, pois ele é em sua essência um sistema que gera crise e dela se apropria.

Por trás das mortes, assaltos e latrocínios no cenário ludovicense e em muitas cidades brasileiras aparece a busca pelo dinheiro, bens materiais e dívidas por conta do tráfico de drogas como “influenciadores” de grande parte dos casos de violência urbana. Nesta relação, Severiano (2006) chama a atenção para o fato de os produtos fabricados no capitalismo, provavelmente, terem como intenção promover um novo estilo de vida, prometendo reconhecimento e diferenciação social, constituindo ideias e identidades. A autora tenta compreender a questão, pensando que não há a intenção de se fabricar um bem material focando no seu “valor de uso” ou funcionalidade, mas são produzidos modos de viver em que as pessoas passem a se reconhecer e/ou ter diferenças a partir das imagens do consumo.

Esta relação entre a busca pelo lucro, dinheiro, bens materiais e as relações sociais têm produzido modos de ser/estar efêmeros, individualismo e a “coisificação” das pessoas, isto é, a transformação das coisas e pessoas unicamente em um elemento financeiro, em que se pode “ganhar” algo em troca.

A violência, neste cenário, mostra-se como um fenômeno abundante na sociedade contemporânea, uma vez que em alguns dos seus atos, como nos

assaltos e latrocínios, a vida humana é completamente desvalorizada em troca dos bens materiais e/ou quantias de dinheiro. Borba (2016, p. 163) menciona que:

O capitalismo é o terreno onde capital e capitalista se encontram para a concretização de um projeto utópico de felicidade eterna, riqueza e lucratividade, disfarçados numa lógica que “prega” a valorização do não-vínculo, da aparência e do efêmero, do individualismo, tanto nas relações comerciais e financeiras, quanto nas relações sociais e afetivas.

O incentivo ao consumismo desenfreado, juntamente com a banalização da vida, criam um cenário de espetáculo, onde os “donos do capital⁸”, com o auxílio do Estado, estabelecem mecanismos de dominação e alienação das massas a ponto de gerar mais e mais endividamento, mortes por encomenda e a naturalização da corrupção, promovendo o desgaste da saúde, bem como o aniquilamento total de várias vidas.

Nessa perspectiva, as estratégias do mercado consumidor buscam a manutenção da distração das pessoas, incentivando-as à “realização dos seus sonhos”. Tal estratégia conta com a ajuda do Estado, que oferece o seu poder para estar ao lado do setor privado. Borba (2013, p.8) afirma que:

As estratégias publicitárias tentam a todo custo distrair e manter o homem imerso no fetiche da possibilidade daquilo que nem sempre irá se realizar. Soma-se a isso o casamento entre Estado, iniciativa privada que tem como amante o setor financeiro. Setor este que coordena com o aval do Estado, um projeto macro de manutenção da ingenuidade, como diria Husserl (2009), ou da consciência adormecida como diriam os frankfurtianos.

O estímulo à aquisição de um bem material, por exemplo, não é exposto como a compra de um produto que poderá auxiliar a certas atividades, mas, em muitos momentos, como uma busca pela “felicidade”, de modo que as pessoas devem se adequar ao surgimento das novas tecnologias para serem inseridas socialmente.

O consumo ininterrupto, como um meio para uma vida “feliz e tranquila”, mostra as estratégias do capitalismo para a construção de uma cultura objetiva e adequação a guias de planejamento financeiro, promovendo o pensamento contábil, o consumismo e o endividamento.

O discurso capitalista no Brasil não leva as pessoas a terem consciência da sua atual e futura situação financeira, na medida em que provoca a aquisição

⁸ Refiro-me aos grandes empresários, que através de suas estratégias de dominação, aprisionam os trabalhadores em relações de trabalho desiguais, minimizando e/ou negando os seus direitos fundamentais.

natural de crédito e, obviamente, a preço de juros, ou seja, estimulando a manutenção do endividamento e incentivando a prática da violência como uma “alternativa” de obtenção de dinheiro. Em outras palavras, muitas pessoas são distraídas com “ofertas imperdíveis”, transferindo o sentido da vida para o do consumo.

O estímulo à alienação e ao consumismo promovido pelo capitalismo revela o seu principal objetivo: “Crescer sempre e com quaisquer que sejam as consequências para a humanidade” (BORBA, 2016, p.182). A busca pelo poder e prazer intensos mostra a face mais cruel da irracionalidade humana, expressa pela falta de respeito à vida, ausência de diálogo e respeito às diferenças. Como resultado disso, há a aceitação cada vez maior da fluidez das relações, ou seja, a vida humana é tratada como um elemento descartável contemporaneamente, caracterizando-se como um fenômeno cada vez mais massificado.

A lógica da massificação impõe um modo de ser individualista baseado no descarte de pessoas e coisas. Esta constatação faz referência ao pensamento de Ortega y Gasset (1926) quando reflete que a atitude do “homem massa” é sem dúvida ligada a sua subjetividade, uma vez que este não precisa estar em grupo para cometer atitudes naturalizadas.

Nesta perspectiva, é provável que as pessoas que praticam crimes relacionados ao dinheiro não exigem nada de especial de si, agindo ingenuamente para consigo e com o “outro”, isto é, permanecem vivendo de acordo com as mesmas práticas, seja pela falta de outras oportunidades ou escolhas de continuar “usufruindo” daquilo que o crime pode dar. A compreensão dos modos de ser do “homem massa” é discutida por Ortega y Gasset (1926, p.63) quando afirma:

A rigor a massa pode definir-se, como fato psicológico, sem necessidade de esperar que apareçam os indivíduos em aglomeração. Diante de uma só pessoa podemos saber se é massa ou não. Massa é todo aquele que não se valoriza a si mesmo – no bem ou no mal – por razões especiais, mas que se sente “como todo o mundo”, e, entretanto, não se angustia, sente-se à vontade ao sentir-se idêntico aos demais.

Deste modo, percebo que a violência diária, assim como as “atitudes comuns” diante do “outro”, ligadas à possibilidade de obter um bem material desejado, mostram-se evidentes na sociedade ludovicense quando constato que possuir dinheiro e determinados objetos “igualar” ou “diferenciar” as pessoas, conferindo *status* e poder.

Baudrillard (1981) afirma que os objetos, serviços e bens materiais na sociedade de consumo permanecem sendo multiplicados, influenciando as relações humanas, inclusive o espaço em que as pessoas se desenvolvem. O acúmulo de objetos, não impacta somente a organização socioeconômica, mas o ambiente físico em que se vive e a saúde dos seres vivos.

Viver mais vinculado aos objetos do que às pessoas, promove um estilo de vida obediente às relações de consumo e de menos alteridade. Segundo Baudrillard (1981), o modo e tempo das relações sociais obedecem ao tempo dos objetos, na medida em que a existência humana é construída conforme o surgimento, permanência e ressurgimento dos bens de consumo na sociedade contemporânea.

O acúmulo de objetos e seu consumo excessivo, além de serem fenômenos marcantes na contemporaneidade, não consideram a importância rara e a real utilidade das coisas, mas com isso busca-se acumular, descartar e consumir bens que são programados para deixar de funcionar em um período de tempo determinado. Vivemos em tempos em que o bastante não é valorizado, mas o supérfluo.

Em outras palavras, os bens de consumo não são mais ofertados de acordo com a sua utilidade básica, mas indicados como instrumentos “fundamentais”, tornando a sua posse algo inquestionável, além de serem sempre atrelados a um contexto de felicidade, conforto, paz e bem-estar. Desta maneira, não intenciono encaixar o consumo em uma categoria maléfica ou benéfica, mas refletir acerca da utilidade dos objetos e da necessidade de possuí-los.

Baudrillard (1981) reflete ainda que o consumo invade todos os aspectos da vida humana, uma vez que as satisfações, os modos de organização da vida, o tempo e as outras formas de envolvimento são referenciados aos apelos midiáticos de consumo, sendo base para a construção e o desenvolvimento de uma cultura do consumo contemporâneo.

O autor supracitado aborda uma Fenomenologia do consumo, refletindo que os aspectos gerais da vida, o tempo e as relações sociais são caracterizados pela obtenção da quantidade exagerada de objetos. Deste modo, a abundância das coisas é vista com um símbolo de felicidade, em outros momentos, como uma forma

de poder, e não somente como objetos fabricados e obtidos através do trabalho (BAUDRILLARD, 1981).

Neste entendimento, o progresso e o apego à técnica são amplamente divulgados e incentivados por meio dos apelos de consumo midiáticos, que transmitem um panorama parcial da realidade, isto é, não se foca nas consequências e no que está por trás dos atos constantes de consumo, mas apenas naquilo que se promete – segurança, felicidade, conforto, dentre outros. Baudrillard (1981, p. 25) ao analisar o consumo ingênuo adverte que “a imagem, o signo, a mensagem, tudo o que “consumimos”, é a própria tranquilidade selada pela distância ao mundo e que ilude, mais do que compromete, a alusão violenta ao real”.

A posse do dinheiro e as suas “influências” nos modos de viver dos homens já tinham sido estudados por Georg Simmel (1858-1918), filósofo e sociólogo alemão, que analisou a sociedade europeia moderna, possuindo estudos consideráveis dentro da Sociologia e da Psicologia. Dessa maneira, o autor construiu o seu pensamento a partir das relações sociais e da predominância que o dinheiro e o pensamento calculista passaram a ter na cultura europeia do século XX.

Simmel ao longo das suas principais obras - *A metrópole e a vida mental* (1976), *O dinheiro na cultura moderna* (2009) e *O avaro e o esbanjador* (2009) evidencia os modos de ser e estar dos homens diante do dinheiro, destacando a importância que as pessoas deram a esse na modernidade⁹, assim como os efeitos que causou na maneira de ver a vida dos homens inseridos na metrópole, que para Simmel é o centro da economia monetária¹⁰.

Nesse sentido, o mundo moderno consolidou a economia monetária, a racionalidade contábil e a impessoalidade do agir econômico, que se refletem no modo banal de lidar com o “outro” por causa do dinheiro, utilizando-o como elemento fundamental para a construção de comportamentos no mundo mediados pelo “quanto se pode ganhar”.

Com efeito, em outras palavras, a modernidade discutida por Simmel levou as pessoas a buscarem uma postura mais individualista a partir do momento

⁹ Para Simmel (1976) a modernidade fez com que o homem preservasse sua autonomia e individualidade, em meio às relações sociais, libertando-se de todas as dependências históricas, como o Estado, religião, moral e economia.

¹⁰ A economia monetária, nesta perspectiva, está intimamente ligada ao rompimento das pessoas com os laços tradicionais que as ligavam a sua comunidade por inteiro, na medida em que o dinheiro passa a exercer um papel central na vida dos homens modernos, sendo transformado em um elemento comum a todas as coisas.

em que o dinheiro passou a ser uma finalidade e não um meio para a obtenção de bens. Nesse contexto, abriu-se mão de uma vida social integrada, em que os comportamentos humanos eram voltados para a sua comunidade, em detrimento do modo individualizado de ver a vida, sendo o dinheiro o mediador entre as pessoas e os bens materiais, Simmel (2009).

Nessa perspectiva, a individualidade humana estava sendo encaixada num valor puramente pecuniário, justamente porque o dinheiro generaliza tudo, passando a ser o unificador e separador das pessoas ao mesmo tempo. Simmel (1976, p.13) compreende essa relação quando afirma:

Da mesma maneira, a individualidade dos fenômenos não é comensurável com o princípio pecuniário. O dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo valor de troca, reduz toda qualidade e individualidade à questão: quanto?

Simmel (1976) alertou que as pessoas da modernidade europeia se tornaram calculistas quando colocaram o dinheiro como o fim das suas ações, promovendo a racionalidade da vida e uma atitude prosaica ou vulgar de lidar com o outro e as coisas. Nas palavras do autor:

A mente moderna se tornou mais e mais calculista. A exatidão calculista da vida prática, que a economia do dinheiro criou, corresponde ao ideal da ciência natural: transformar o mundo num problema aritmético, dispor todas as partes do mundo por meio de fórmulas matemáticas. (SIMMEL, 1902, p. 14)

Atualizando as reflexões acima, são visíveis no cotidiano ludovicense os “efeitos” de uma sociedade governada pela busca do dinheiro. Tais influências vão além de uma organização econômica, que se verificam nas questões mais íntimas das pessoas, como a relação com o “outro” e o que se tem feito para ter acesso ao dinheiro e aos bens de consumo. Estes elementos provavelmente dão uma sensação de autonomia e liberdade, que se mostram como doadores de sentido para a violência contemporânea nas pequenas e grandes cidades. Deste modo, provoca malefícios para as relações intersubjetivas e também à saúde das vítimas.

A obsolescência programada dos produtos e o avanço do desenvolvimento industrial trouxeram, sem dúvida, facilidades para a humanidade, mas também graves consequências culturais por conta do seu fascínio induzido e a sua imposição como uma necessidade básica para a vida.

Walter Benjamin (1892-1940) pensa o dinheiro, enquanto o “deus” de uma época, isto é, um elemento no qual todos buscam segurança. Na sua obra

Capitalismo como religião (1921), o pensador chama a atenção para o sistema capitalista enquanto um conjunto de interesses econômicos que atende as satisfações, os tormentos e inquietudes das pessoas, questões que até então eram atribuídas à religião.

Pensar no dinheiro, enquanto um “deus” de uma época tem relação com a crença de que tudo encontra nele uma unificação, um sentido geral, ou talvez um sentido de segurança, proporcionando uma sensação de paz e conforto significativos. Benjamin reflete que o “devoto” encontra no seu “deus”, isto é, o dinheiro, uma confiança onipotente e um sentimento de calma que outro elemento não pode dar (BENJAMIN, 2011).

Esta reflexão encontra morada na atualidade, uma vez que o lugar do dinheiro na sociedade contemporânea é central, onde a vida gira ao seu redor, isto é, exige-se uma racionalidade da existência, haja vista que o dinheiro impõe que tudo aquilo que se relaciona a ele siga um padrão lógico-objetivo. Em outras palavras, as relações econômicas criam atitudes instrumentais que, possivelmente, não dão lugar a subjetividade pessoal, justamente porque conceber aquilo que é mais sentimental e comum aos homens e coisas, não se encaixa numa concepção de mundo racionalista (SIMMEL, 2009).

Nesse cenário, as relações de consumo, muitas vezes, ora evidenciam, ora encobrem as desigualdades sociais, de forma que aqueles desprovidos de acesso àquilo que é imposto como “fundamental” para viver acabam sendo violentados e produtores da violência urbana ao mesmo tempo. Minayo (2005, p.17) ao refletir sobre a relação entre consumo, desigualdades e violência contemporânea afirma que:

Um dos pontos mais perversos da delinquência organizada é a forma de inclusão dos pobres nos seus lucrativos negócios. Eles se engajam nesses projetos e entram nos conflitos, no *front* dos combates como uma opção de mercado de trabalho, visando a *status*, ao acesso a bens econômicos e ao consumo. É óbvio que existe um ato subjetivo na entrada de qualquer uma pessoa no mundo do crime. Mas isso se dá numa conjuntura de crescente desemprego e exclusão social, cultural e moral de grupos populacionais inteiros, *pari passu* com a exacerbação da acumulação capitalista e à ausência de ênfase por parte dos governos, na questão social. Não é desprezível também o embricamento dessas situações macroeconômicas e sociais com o surgimento de novas subjetividades marcadas pela secularização, pela perda de valor das hierarquias tradicionais e da autoridade familiar e comunitária.

Destaco que nas relações econômicas pautadas pela violência, a interação com o “outro” é direcionada unicamente pelo dinheiro, ou melhor, pelo quanto pode se ganhar com isso, transformando as pessoas em valor, coisa ou produto. Dessa forma, percebo que o estímulo pela concorrência exige relações interpessoais marcadas pela objetificação do “outro” e pelo lucro. Requer a capacidade de “destruir” toda e qualquer ameaça, seja na concorrência por um emprego, seja pela violência dirigida às pessoas, ocasionando medo, dificuldades em lidar com a existência ou perda de relações intersubjetivas saudáveis.

Nesta perspectiva, a vivência da violência, incentivada pelo estilo de vida capitalista, pode influenciar de forma direta no fenômeno contemporâneo do medo exacerbado, que provoca lucro para alguns, privação de liberdade e sofrimento para outros.

Bauman (2008), ao discutir sobre o medo, afirma que o modo de disseminação deste fenômeno é punitivo, causando sofrimento e a sensação de continuidade ininterrupta. Ao se referir aos “contos morais” ou as formas do mundo líquido moderno de representação do medo vivido na realidade Bauman (2008, p. 43-44) afirma que:

Os medos que disseminam são incuráveis e, na verdade inextirpáveis: chegaram para ficar – podem ser suspensos ou esquecidos (reprimidos) por algum tempo, mas não exorcizados. Para esses medos não se encontrou nenhum antídoto nem é provável que se venha a inventar algum. Eles penetram e saturam a vida como um todo, alcançam todos os recantos e frestas do corpo e da mente, e transformam o processo da vida num ininterrupto e infinito jogo de “esconde-esconde” - um jogo em que um momento de desatenção resulta numa derrota inapelável.

A naturalização do medo, evidenciada nas ruas e noticiários da capital maranhense e restante do Brasil, encobre outros fenômenos intimamente ligados a este, como: a exclusão social, o preconceito, a discriminação, corrupção, torturas e, sobretudo a quem tem servido a produção de tanto pavor em decorrência da violência nas cidades.

Por outro lado, é preciso destacar que o fenômeno da violência e o medo provocado têm trazido muitos lucros para alguns, principalmente, àqueles que se utilizam do tráfico de drogas e armas, comercialização da insegurança e do sentimento de medo. Estes fatores são evidenciados, por exemplo, no lucrativo negócio dos condomínios fechados e equipamentos de segurança, como: detectores de calor, câmeras, segurança privada, vidros blindados, seguro de automóveis,

dentre outros. O relatório do Ministério da Saúde - MS (BRASIL, 2005, p.11), por exemplo, corrobora com este pensamento afirmando que:

No entanto, a violência também dá lucro. Primeiramente, parte das mortes e lesões que hoje ocorrem no mundo por essa causa se devem a ações criminosas como tráfico ilegal de armas, de drogas e de outras mercadorias, organizadas internacionalmente e lucrativas, para as quais, os aparatos violentos garantem e agregam valor. Atualmente, além de representantes de muitos segmentos da sociedade participarem, de alguma forma, da criminalidade globalizada, floresce aqui no Brasil uma poderosa forma de comercialização dos sentimentos de insegurança da população: construção de condomínios com inúmeros dispositivos técnicos que encarecem seus custos e os tornam segregados; blindagem de carros; serviços de segurança patrimonial e pessoal; produção de grades e de armas, dentre outros.

Cruz (2010), ao analisar o fenômeno da violência e do medo na cidade, afirma que estes não “influenciam” somente no âmbito social, mas acarretam transformações espaciais no ambiente. Muitas cidades no Brasil foram transformadas, ideologicamente ou não, em espaços geográficos ¹¹de terror, onde abundam, além dos mais diversos crimes, a superpopulação, os serviços públicos deficientes, crescimento desigual, falta ou deficiências de espaços públicos de lazer e educação, dentre outros elementos típicos de um sistema político-econômico excludente como o vivido atualmente.

O geógrafo Marcelo L. de Souza (2008) permite a reflexão da relação entre o medo da violência e os seus impactos na saúde ao afirmar que em uma “Fobópole¹²”, isto é, em locais dominados pelo medo e percepção de risco, há implicações sérias para a sociedade civil, Estado e desenvolvimento urbano. Nas palavras do próprio autor:

A palavra (Fobópole) condensa aquilo que tento qualificar como cidades nas quais o medo e a percepção do crescente risco, do ângulo da segurança pública, assumem uma posição cada vez mais proeminente nas conversas, nos noticiários de grande imprensa etc., o que se relaciona, complexamente com vários fenômenos de tipo defensivo, preventivo ou repressor, levados a efeito pelo Estado ou pela sociedade civil – o que tem claras implicações em matérias de desenvolvimento urbano e democracia (lato sensu). (SOUZA, 2008, p.9)

Cruz (2010) apoiada na ideia de “Fobópole” afirma que grande parte das pessoas padecem de “psicopatologias”, como síndromes fóbico-ansiosas e estresse

¹¹ Apoio-me na concepção de Santos (2008) que entende os “espaços geográficos” como uma instância social, em que os objetos e as ações são elementos indissociáveis, isto é, o espaço não é passível as ações humanas, que por sua vez utilizam-se de “instrumentos” para influenciá-lo.

¹² Ver na obra “Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana” (2008) do geógrafo Marcelo L. de Souza.

crônico em decorrência da violência e do medo que ocasiona, haja vista que, associadas às desigualdades sociais, o endividamento e a falta de dinheiro, podem ser as maiores preocupações de grande parte da população brasileira.

Nesse diapasão, o estilo de vida na metrópole, marcadamente associado ao poder de consumo, invadiu as pequenas cidades, mesmo que muitos habitantes não possuam o poder de compra pregado pelo capitalismo como uma necessidade última ou definitiva para a sobrevivência. Essa “desigualdade”, criada intencionalmente para que haja uma generalização dos estilos de vida, interação com a tecnologia e nos modos de consumo, promove a explosão da violência e das suas consequências, tais como: o uso e abuso de álcool e outras drogas, “psicopatologias” e endividamento.

Nesse contexto, seria simplista traçar um panorama geral da violência contemporânea sem considerar os seus vários determinantes, inclusive o modelo de globalização vigente que prega o “progresso” e apego à técnica como as principais formas de vida. A economia atual incentiva relações de trabalho e interpessoais que não deixam brechas para escolhas, de modo que sobreviver a esta lógica implica acompanhar o ritmo frenético das tecnologias, e principalmente, o seu usufruto ou consumo (CRUZ, 2010).

O capitalismo, utilizando-se da publicidade, tem sido citado como uma influência fundamental para o convencimento das pessoas em direção ao consumo e endividamento constantes. Severiano (2006) pensa acerca da mobilização intensa dos consumidores para o alcance de uma “estabilidade social”, que suscita a busca de realizações individuais através do consumo ininterrupto, em detrimento dos ideais coletivos e poupança do dinheiro.

O consumo homogeneizado, isto é, a ideia de que se deve comprar ou possuir certos bens materiais, a fim de que se “garanta” segurança e felicidade é imposto pelo sistema capitalista, como se o “progresso” fosse a única e mais eficiente “solução” para a vida em sociedade. No entanto, essa lógica tem promovido o aumento da violência e do individualismo. Borba (2016, p 189) ajuda nesta reflexão quando diz:

Esse modelo hegemônico de hedonismo individualista está se revelando cada vez mais no seio da sociedade contemporânea, instalando a barbárie, a indiferença, a falta de tolerância, a violência, a perda do até então considerado o maior valor humano: a vida, a ausência de diálogo e de uso

coletivo da irracionalidade, caso que tem sido claramente observado quando das manifestações públicas onde é a violência, a depredação do patrimônio público e privados os tipos de linguagens utilizadas para expressar o desespero e o vazio que se instala.

Nessa seara, as qualidades pessoais, como a beleza, personalidade, existências e os modos de se relacionar são cada vez mais reivindicados pela indústria capitalista como se fossem bens a serem consumidos.

Outro fenômeno citado por Severiano (2006), que pode contribuir para a compreensão da onda do consumismo, é a perda de referenciais éticos, religiosos e políticos, os quais podem ter influências no descompromisso social ou coletivo generalizado, levando muitas pessoas a verem a vida de maneira unicamente particular. Nesse âmbito, a publicidade do prazer e do consumo têm cativado os homens contemporâneos para o resgate desenfreado de uma cultura excessivamente individualista, sendo necessária uma tentativa de compreensão das implicações psicossociais presentes nesses fenômenos.

Artifon e Piva (2013), ao pensarem a relação violência-saúde, argumentam que a saúde mental está diretamente relacionada às condições econômicas, podendo causar prejuízos no desenvolvimento pessoal, principalmente, em “doenças emocionais” surgidas quando as pessoas se deparam com o superendividamento e suas consequências.

Borba (2016), por sua vez, aponta que há outros modos de adoecimento no cenário contemporâneo. Nesse sentido, afirma serem o consumismo e o endividamento fenômenos psicopatológicos. Dessa forma, é provável que o aumento do endividamento provoque sérios problemas como, a depressão, ansiedade e abalos na autoestima em uma sociedade onde o consumo, a contração de dívidas e o comprometimento dos rendimentos têm sido transformados em atos naturais, mostrando que as relações econômicas têm contribuído cada vez mais na manutenção da atitude ingênua do consumo.

Artifon e Piva (2013) chamam atenção ainda para a fluidez do mundo contemporâneo, ou seja, o fim dos padrões, da segurança e das certezas podem ter contribuído para o medo, a insegurança e liberdade dos indivíduos, acarretando situações de consumismo que podem trazer consigo outros modos de ser no mundo, como o comportamento alcoolista, suicida, homicida, entre outros.

Percebo ainda que nas grandes metrópoles há um gasto maior de tempo com o trabalho e deslocamento. Restam, cada vez menos, momentos de lazer. Dito isto, o ato de comprar é mostrado como um mecanismo de compensação de tempo imediato que está se sustentando cada vez menos com a aquisição de bens materiais. Nesse caminho, a busca frenética pelo acesso aos bens materiais aponta para um ciclo vicioso, evidenciado na necessidade de ter cada vez mais.

Outro ponto a ser destacado é que as pessoas estão cada vez mais “doentes” por conta das dívidas e falta de dinheiro, mostrando-se perdidas e sem condições de pensar. A necessidade de “ter” tem causado sofrimento para muitos, uma vez que a lógica da violência é usada ingenuamente como um meio de minimização deste problema.

Em face do disposto, não se pode deixar de lado a importância da visão territorial na compreensão do fenômeno da violência urbana, pois todos os seus “determinantes” (desemprego, desigualdades de saúde, pobreza, ausência do Estado, dentre outros) atuam na territorialidade. Nesse contexto, a visão geográfica tem muito a contribuir sobre o tema, não apenas com a espacialização da violência, que embora seja importante para a localização das ocorrências, ajudam também as autoridades de segurança a intervir. Não abarca a produção complexa do espaço da violência urbana nas cidades (FERREIRA e PENNA, 2005).

Assim sendo, a produção do espaço urbano é um fenômeno dinâmico que se refere às relações sociais de uma sociedade, com as suas várias mudanças econômicas, políticas e ambientais, que afetam tanto a estrutura física da cidade (configuração dos bairros, ruas, locais públicos de lazer e saúde, etc), bem como o modo de se relacionar entre os seus habitantes (FERREIRA e PENNA, 2005).

A violência, em grande parte das cidades, encontra morada, em decorrência dos seus processos de formação contraditórios e fragmentados, uma vez que os espaços elitizados contam com o acesso a bens de consumo, excelente infra-estrutura e espaços de lazer “seguros” disponibilizados pelo Estado. Nas periferias, por sua vez, predominam a pobreza, desemprego, necessidades básicas de infra-estrutura, habitações sem financiamento e informais, constituindo-se em um espaço desvalorizado, onde o Estado é praticamente invisível. Entretanto, é necessário enfatizar que o pobre ou a pobreza não são necessariamente promotores

da violência, haja vista que a redução das diversas desigualdades pode impactar na sua diminuição (FERREIRA e PENNA, 2005).

Nos espaços periféricos são encontrados os maiores índices de violência, que giram desde a discriminação e pré-conceito, falta de cidadania até as formas “mais vistas” como os homicídios, tráfico de drogas, assaltos e latrocínios. Nesse cenário, enfatizo que a violência nas cidades vai além da morte física, mas é marcada pela concretude da ausência de justiça social e urbanidade, as quais “matam” as pessoas diariamente, tirando-lhes o acesso às condições básicas de vida.

Os espaços excluídos, além de serem estigmatizados como o reduto da violência urbana em suas diversas facetas, também são cenário propício de atuação das organizações criminosas, que desafiam o Estado e têm como maioria dos seus soldados, as pessoas mais jovens de uma localidade.

Nesse ambiente, grande parte das mortes intencionais no país, provavelmente, tem como pilar a busca pelo dinheiro e bens materiais, os quais propõem a sensação de inclusão e poder, atraindo e culminando na perda da vida, sobretudo dos mais jovens.

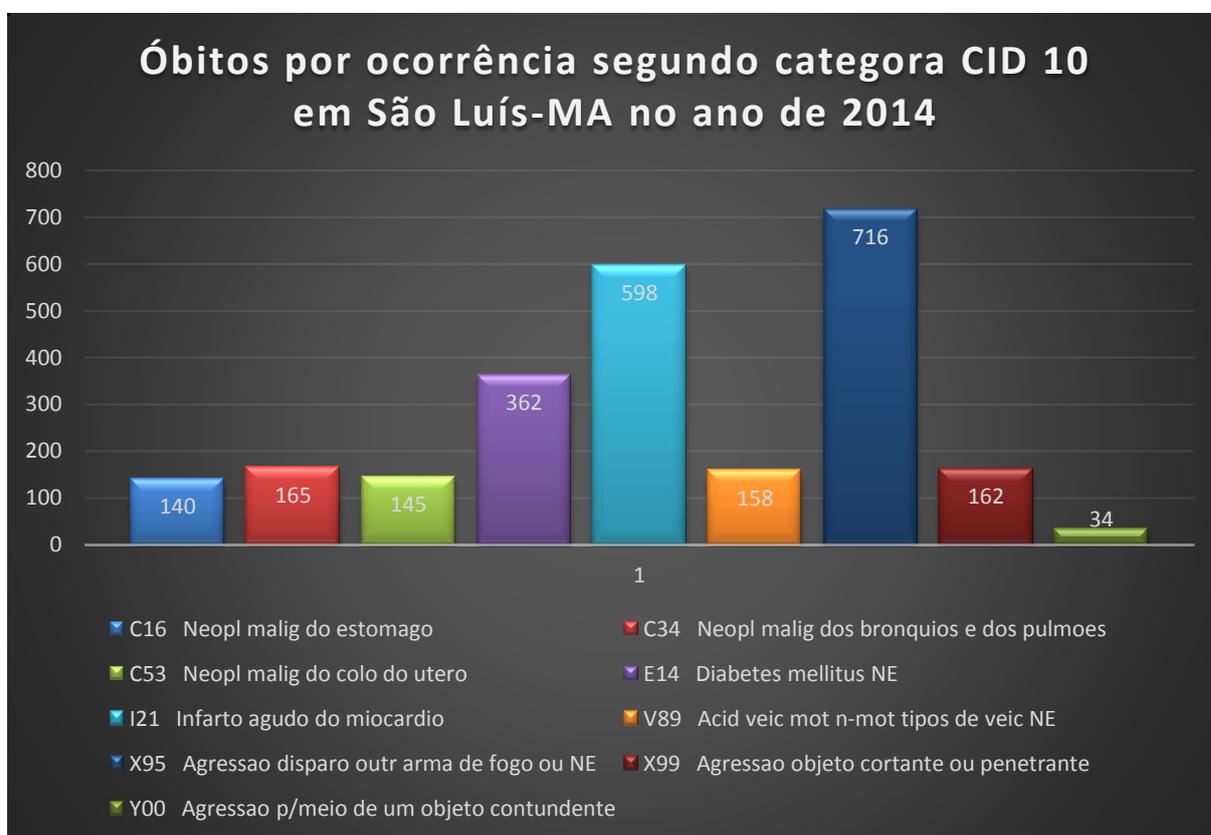
Pensando como se mostra o consumismo contemporâneo e o advento do progresso na humanidade, questiono quais são as consequências do apego à técnica e da visão de crescimento tecnológico como a única forma de “evolução” das relações humanas. O progresso contemporâneo tem proporcionado mais crescimento ou consequências danosas para o ambiente, saúde e relações sociais? De que forma a saúde das pessoas tem sido afetada pela violência, trânsito, desigualdades sociais, ambientes poluídos e desrespeito à vida, símbolos do atual contexto capitalista?

7 VIOLÊNCIA URBANA EM SÃO LUÍS-MA: influências na saúde e nas relações sociais.

A capital maranhense esteve no *ranking* dos trinta municípios mais violentos do Brasil no ano de 2015, uma vez que foram registrados 758 casos de homicídios mais 36 mortes violentas por causa indeterminada (MVCII), proporcionando uma taxa de 73,9 % por 100 mil habitantes ao município. A arma de fogo tem sido o “instrumento” mais utilizado nos homicídios no Brasil, compreendendo 41.817 casos em 2015, significando 71,9% do total de casos. Nessa seara, o Maranhão registrou 1.688 casos em 2014 e 1.718 em 2015 (CERQUEIRA, ET AL, 2017).

Segundo dados do Ministério da Saúde – MS, no ano de 2014, foram registrados 8.775 óbitos, sendo 716 casos provocados por disparos de arma de fogo, que mais uma vez ficaram em primeiro lugar como “causa” da mortalidade na capital maranhense (Ministério da Saúde – MS, 2017).

Gráfico 01. Óbitos por ocorrência segundo categoria CID 10 em São Luís - MA no ano de 2014.



Fonte: MS/SVS/CGIAE – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM (2017)

Em 2015, por sua vez, houve 9.293¹³ óbitos por ocorrência no município de São Luís – MA com “destaque” para as agressões por meio de disparo de arma de fogo ou outra arma não especificada (CID-10 x95), que lidera a lista, totalizando 668 casos e superando o infarto agudo do miocárdio, a diabetes mellitus e as diversas neoplasias (Ministério da Saúde – MS, 2017).

Gráfico 02. Óbitos por ocorrência segundo categoria CID 10 em São Luís - MA no ano de 2015.



Fonte: MS/SVS/CGIAE – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM (2017)

A violência como um problema de saúde pública é destacada pela Organização Panamericana da Saúde (1994) enquanto um fenômeno endêmico e de grande magnitude. Um dos seus documentos mais importantes diz que:

A violência, pelo número de vítimas e pela magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz, adquiriu um caráter endêmico e se converteu num problema de saúde pública em muitos países (...). O setor Saúde constitui a encruzilhada para onde convergem todos os corolários da

¹³ Os dados disponíveis são oriundos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), sistema gerido pelo Departamento de Análise de Situação de Saúde, da Secretaria de Vigilância em Saúde, em conjunto com as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde.

violência, pela pressão que exercem suas vítimas sobre os serviços de urgência, atenção especializada, reabilitação física, psicológica e assistência social (ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE, 1994, p. 5).

Minayo (2005) destaca a “vertente operacional”, enquanto uma proposta de compreensão das consequências da relação entre saúde e violência. Nessa perspectiva, prima-se pela consideração dos transtornos biológicos, emocionais e físicos que a violência acarreta ao bem-estar e qualidade de vida das pessoas.

Araujo (2016), ao refletir sobre a Geografia do crime em São Luís – MA, aponta que grande parte dos homicídios na capital maranhense se refere às dívidas do tráfico de drogas e disputas entre facções criminosas, principalmente, pelas duas mais atuantes: “Primeiro Comando da Capital” (PCM) e “Bonde dos 40”. O autor supracitado, ao utilizar-se de dados da Secretaria de Segurança Pública do Maranhão, coloca que nos anos de 2014 e 2015 a maioria dos homicídios em São Luís - MA ocorreu, respectivamente, nos bairros da Cidade Olímpica e Coroadinho, que, além de serem marcadamente influenciados por facções criminosas, historicamente foram formados por uma expansão urbana desordenada e assistência limitada do Estado, culminando em condições de habitação inadequadas e ausência de oportunidades de emprego, fatores que atraem as pessoas para o crime (ARAÚJO, 2016).

Dito isto, ousa afirmar que a violência no Maranhão, e em grande parte do Brasil, foi transformada em uma “epidemia”, isto é, um fenômeno generalizado, um hábito “comum” cometido por grande parte das pessoas. Mata-se e/ou se agride física ou psicologicamente o “outro” pelos mais diversos motivos, sendo a violência o principal modo de se relacionar contemporaneamente.

7.1 A IMPRENSA LUDOVICENSE E O RETRATO DA VIOLÊNCIA URBANA NA SAÚDE.

Ao observar de que forma a violência relacionada à busca de dinheiro e/ou bens materiais se expressa através da imprensa na capital maranhense, percebi nas páginas eletrônicas dos jornais *O Imparcial*¹⁴, *Jornal Pequeno* e *Imirante.com* a relação direta entre este fenômeno e os danos na saúde dos atores

¹⁴ O jornal *O Imparcial* foi fundado em 1º de maio de 1926 pelo jornalista João Pires Ferreira.

envolvidos. Os três jornais supracitados são de grande circulação em São Luís - MA e apresentam, dentre outros acontecimentos, um panorama dos crimes mais relevantes ocorridos no dia-a-dia da cidade.

Como consequência física da violência urbana (furtos, assaltos, latrocínios, homicídios e linchamentos) verifiquei queimaduras no corpo das vítimas durante ataques a ônibus, ferimentos devido à troca de tiros, bem como lesões físicas. Destaco ainda a evidência da morte, ou seja, o aniquilamento total da saúde, como a principal consequência dos assaltos e homicídios analisados, evidenciando a banalização da vida em troca do dinheiro e dos bens materiais identificados, isto é, carros, celulares, motocicletas, joias, dentre outros.

É necessário destacar a cautela devida ao analisar como se mostram as notícias veiculadas na mídia eletrônica, e, principalmente, a intenção dos seus autores. Costa (2008), por exemplo, chama a atenção para a fragmentação do mundo e a simplificação da realidade descrita na mídia em relação à violência cotidiana. Segundo o autor supracitado, o que se fala sobre o crime é revelado com base em forte carga de pré-conceitos e estereótipos. Nesse diapasão, os discursos dos meios de comunicação simulam a verdade. Ocultam ou desconhecem o contexto das notícias e alimentam a insegurança e o clima de terror.

Desse modo, é provável que as notícias relacionadas à violência em São Luís - MA explorem aquilo que os consumidores querem ver, isto é, o espetáculo das mortes, dos tiroteios e das pessoas ensanguentadas. Negligenciam, pois, o caráter multifacetado da violência, e ignoram a dor do “outro”, que não se expressa nas páginas dos jornais.

Ouso afirmar que todas as representações sociais da violência são pensadas politicamente, ou seja, as imagens, opiniões e os relatos sobre os crimes cotidianos buscam incentivar o leitor ao consumo das notícias e à indução na crença de estratégias benéficas ou maléficas do poder público em relação à criminalidade. Ademais, é provável que grande parte da imprensa maranhense não busque o incentivo à reflexão crítica sobre os impactos da violência na saúde e no ambiente da população ludovicense, assim como na cobrança de implantação de políticas sociais públicas para a minimização do crime e da desigualdade social.

Porto (2002) analisa que os meios de comunicação têm grande influência na estrutura dos modos de ser violentos, sendo a exposição da violência um elemento estratégico para a explosão de sentimentos como a raiva e frustração, contribuindo para que sejam vistos como mais “normais” e menos aterrorizantes. Outro elemento a ser destacado na relação entre os meios de comunicação e a violência é o consumo das notícias, que é a finalidade de um modelo de representação intencionalmente articulado para condenar, julgar e excitar nos leitores vários tipos de sentimento diante das notícias veiculadas. Em face do disposto, “a violência, é assim, uma moeda com alto poder de troca, porque é uma mercadoria que vende e vende bem” (PORTO, 2002, p. 165).

Costa (2008) ao analisar as notícias policiais do Jornal Pequeno ¹⁵sobre os linchamentos na capital maranhense no período de 1993 a 2003 refletiu que tais acontecimentos evidenciam uma espetacularização da violência atrelada a possibilidade de venda daquilo que se diz. Esta constatação mostra que as imagens e/ou opiniões apresentadas nos noticiários de São Luís - MA provavelmente, indicam a fabricação do medo exacerbado e do reforço da lógica da violência.

Apresento a seguir alguns quadros descritivos da violência em São Luís - MA, de acordo com o objeto utilizado para o crime e as suas consequências no tocante à saúde da população, conforme algumas matérias jornalísticas dos anos de 2016 e 2017. Tais notícias estão presentes em três jornais eletrônicos da capital maranhense e tratam da relação entre a violência, busca pelo dinheiro e/ou bens materiais e os impactos na saúde.

¹⁵ Jornal de grande circulação na região metropolitana de São Luís – MA.

Quadro 01: Violência em São Luís – MA através de arma de fogo, combustível e fogo.

Jornal	Título da matéria	Objeto utilizado	Danos à saúde	Data	Unidades de Sentido
Imirante.com	Adolescente e é assassinado dentro de casa, no bairro do coroadinho	Arma de fogo	Morte	22/08/2016	Assassinato; tiros
O Estado do MA	Cobrador vítima de ataque a ônibus continua internada	Combustível	Queimaduras de 1° e 2° graus; dores na perna	26/09/2016	ataque a ônibus; arma de fogo; roubo; dinheiro e outros pertences
Jornal Pequeno	Criança leva tiro durante tentativa de assalto na Cohab	Arma de fogo	Ferimento por tiros na perna	14/07/2016	Tentativa de assalto; celulares, tiros. Armas de fogo.
Blog do Minard	Domingo violento em São Luís: tentativa de assalto a ônibus acaba em morte	Arma de fogo	Morte	26/09/2016	Morte; tiros; assalto a ônibus; arma de fogo
Imirante.com	Quatro pessoas assassinadas só nesta sexta-feira (12), na Grande São Luís	Arma de fogo	Morte	12/08/2016	Homicídios; tiros; dívida de drogas; tráfico de drogas; arma de fogo
O imparcial	Suspeitos de assassinato na Cohama são detidos	Arma de fogo	Morte	26/09/2016	Assassinato; tiros; arma de fogo
O Estado	Violência e clima de tensão	Arma de fogo	Morte	26/09/2016	Violência; homicídios dolosos; roubo de

	marcaram o fim de semana				motocicleta; assalto a ônibus e; dinheiro.
Jornal Pequeno	Homem é morto a tiros na reserva do Itapiracó em São Luís	Arma de fogo	Morte	07/10/2016	Morte; tiros; usuário de drogas
Jornal Pequeno	Adolescentes são apreendidos após assalto e trocas de tiros	Arma de fogo	Ferimento	07/10/2016	Assalto; troca de tiros; Arma de fogo
Jornal Pequeno	Criminoso é morto por passageiro durante assalto a ônibus	Arma de fogo	Morte	25/09/2016	Assalto a ônibus; pertences; Tiros
Jornal Pequeno	Polícia prende dupla suspeita de assaltar joalheria em shopping	Arma de fogo		05/10/2016	Assalto; dinheiro; joias; arma de fogo
Jornal Pequeno	Homem é baleado durante briga de facções no Maranhão Novo	Arma de fogo	Ferimento por arma de fogo	03/10/2016	Briga; facções criminosas; tiros
Jornal Pequeno	Suspeitos de roubar veículos trocam tiros com a polícia	Arma de fogo	Ferimento por arma de fogo	21/09/2016	Roubo; veículo; troca de tiros; arma de fogo; objetos roubados
Imirante.com	Seis corpos deram entrada no IML na madrugada deste sábado (22)	Arma de fogo	Morte	22/10/2016	Homicídios; arma de fogo; morte

Imirante.com	Imagens mostram assalto em parada de ônibus de São Luís	Arma de fogo	Desespero; medo	20/10/2016	Assalto; Arma de fogo; desespero; medo
Imirante.com	Jovem é executada a tiros na área da Vila Luisão	Arma de fogo	Morte	18/10/2016	Arma de fogo; Assassinato; informações à polícia
Imirante.com	Homem é assassinado a tiros no bairro do Cohatrac IV	Arma de fogo	Morte	07/10/2016	Arma de fogo; consumo de drogas; homicídio
Imirante.com	Criminosos matam uma pessoa e deixam três feridas na Ilhinha	Arma de fogo	Morte; ferimentos	01/10/2016	Arma de fogo; morte; ferimento
Imirante.com	Assaltante é morto em tentativa de assalto a van na MA 201	Arma de fogo	Morte	31/01/2017	Arma de fogo tentativa de assalto; Morte
Imirante.com	Homem é morto com tiro na cabeça durante assalto em parada de ônibus na Alemanha, em São Luís.	Arma de fogo	Morte	19/02/2017	Assalto; tiro; morte
Imirante.com	Pai é morto por bandidos ao tentar defender família	Arma de fogo	Morte	26/09/2016	Tentativa de assalto; dinheiro; tiros
O Estado do	Policial	Arma de	Morte	04/02/	Tentativa de

Maranhão	Civil é morta após tentativa de assalto na noite desta quinta, no Parque Araçagy.	fogo		2017	assalto; morte; tiros.
Jornal Pequeno	Sargento da PM é vítima de latrocínio na Estrada da Mata, em Ribamar.	Arma de fogo	Morte	08/11/2016	Latrocínio; arma de fogo.
Imirante.com	Suspeito de assalto é baleado e morre após colisão	Arma de fogo	Morte	22/11/2016	Assalto; morte; arma de fogo.

Como é possível observar no quadro, a arma de fogo é o “instrumento” mais utilizado para a efetivação dos crimes no Brasil e nas notícias analisadas. Cerqueira (2016) constata esta informação mostrando, por exemplo, que ocorreram 42.755 casos de homicídios no ano de 2014, visto que 1.675 só no Maranhão.

Destaco ainda que foram registrados mais 49 mil casos de porte ilegal de armas e 110.327 armas apreendidas no Brasil no ano de 2015. No estado do Maranhão foram contabilizadas 1.609 ocorrências de porte ilegal de armas e 2.347 apreensões de armas de fogo em 2015, o que representa um aumento 44,5% em comparação ao ano anterior (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016).

A demanda por armas de fogo vem crescendo no Brasil, tendo em vista, principalmente, a falta de confiança da população na garantia do Estado em proporcionar segurança pública. A obtenção da arma pessoal provavelmente ainda é vista como um ideal popular de garantia da segurança, porém, esta concepção traz riscos nas reações aos crimes, prejudicando a segurança pública. Em outras

palavras, a posse de armas vai além dos impactos ao risco individual. Promove sempre risco à coletividade.

Quadro 02: Violência em São Luís – MA através de arma branca.

Jornal	Título da matéria	Objeto utilizado	Danos à saúde	Data	Unidades de Sentido
Imirante.com	Homem é linchado com golpes de arma branca no Iguaiá	Arma branca	Morte	23/08/2016	Linchamento; arma branca; assalto; dinheiro; celulares
Imirante.com	Veículo é roubado dentro de estacionamento de <i>shopping</i> , na capital.	Arma Branca	Danos emocionais	31/01/2017	Roubo; facão.
O Imparcial	Jovem é assassinado com golpes de faca	Arma Branca	Morte	29/12/2016	Assassinato; arma branca.
Imirante.com	Morte de morador de rua foi causada por rixa, diz delegado	Arma Branca	Morte	29/12/2016	Rixa; Consumo de drogas; Morte.

As armas brancas também ganham um espaço de destaque como “instrumento” para as mortes violentas no Brasil e no Maranhão. Conforme os dados mais recentes do 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil registrou 12.102 e o Maranhão 642 mortes por agressão, sob uso de objetos cortantes ou armas brancas no ano de 2014.

Quadro 03: Violência em São Luís – MA através de agressão física.

Jornal	Título da matéria	Objeto utilizado	Danos à saúde	Data	Unidades de Sentido
Jornal Pequeno	Assaltantes de ônibus são presos durante operação	Agressão física	Lesões físicas	18/09/2016	Assalto a ônibus; lesões
Jornal Pequeno	Homem é linchado por populares em São Luís	Agressão física	Morte	01/10/2016	Assalto; linchamento; óbito

Quadro 04: Violência em São Luís – MA através de arma de fogo e arma branca.

Jornal	Título da matéria	Objeto utilizado	Danos à saúde	Data	Unidades de Sentido
Jornal Pequeno	Cinco homicídios são registrados no fim de semana em São Luís	Arma de fogo; Arma branca	Morte	19/09/2016	Homicídios; Arma de fogo; Arma Branca
Imirante.com	Fim de semana com nove mortes violentas em São Luís	Arma de fogo e arma branca	Morte	25/07/2016	Morte; assalto; arma de fogo; arma branca
Imirante.com	IML registra seis corpos de vítimas de homicídios	Arma de fogo; arma branca	Morte	23/08/2016	Homicídios; tiros; linchamento; arma branca
Imirante.com	Julho termina com 11 homicídios no fim de semana	Arma de fogo; arma branca	Morte	01/08/2016	Homicídios; arma de fogo; arma branca

Imirante. com	Fim de semana termina com dez homicídios na Ilha	Arma de fogo; arma branca	Morte	30/01/2017	Morte; homicídio.
Imirante.com	Mais uma mulher é assaltada e estuprada dentro de casa em São Luís	Arma de fogo; arma branca	Danos físicos e emocionais	21/02/2017	Assalto; estupro; ameaça.

O total de mortes por agressão, totalizando os cometidos por arma de fogo e aqueles por arma branca é de 2. 317, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2016) somente no ano de 2014 no estado do Maranhão.

Quadro 05: Violência em São Luís – MA através de objetos não identificados.

Jornal	Título da matéria	Objeto utilizado	Danos à saúde	Data	Unidades de Sentido
Imirante.com	Jovem é encontrado morto em área de mangue na Vila Nova	Não identificado	Morte	07/10/2016	Usuário de drogas; assassinato; furtos
Imirante.com	Vila Embratel é o bairro com maior registro de homicídios dolosos	Não identificado		04/10/2016	Homicídios dolosos
O Estado do Maranhão	Com 77 assaltos a ônibus, São Luís tem janeiro mais em violento em 4 anos.	Não identificado	Medo; "Pânico".	14/02/2017	Assaltos; insegurança; Pânico.
Imirante.com	Família é roubada e trancada	Não identificado	Medo	20/01/2017	Roubo; bens materiais.

	em casa, no Araçagi.				
--	----------------------------	--	--	--	--

Foram registrados 116 casos de mortes por agressão, dentre os quais não se sabe o “instrumento” utilizado (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016). Estes resultados representam um pouco da magnitude do problema da violência no Brasil, que não se limita às influências do capitalismo, portanto abrange configurações sociais complexas como a igualdade de renda, educação, controle de armas e políticas sociais públicas de prevenção.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos grandes obstáculos da sociedade brasileira é a alta prevalência da violência urbana, que não se limita apenas aos grandes centros urbanos, mas alcançou território em muitas cidades pequenas, até pouco tempo consideradas tranquilas. Os índices alarmantes de Mortes Violentas Letais e Intencionais – MVLI são proporcionais ao aumento do “investimento” em segurança pública em âmbito nacional, que não tem sido suficientes para minimizar as consequências da violência.

O Estado do Maranhão, embora tenha apresentado uma leve queda nos assaltos, arrombamentos, linchamentos e latrocínios durante os anos de 2016 e 2017, ainda soa como uma das unidades da federação com o maior crescimento dos Crimes Letais e intencionais nos últimos 10 anos. Esta constatação reflete-se na evidência da insegurança, sensação de medo e ocupação geográfica cada vez mais crescente das facções criminosas na capital São Luís – MA e em cidades do interior.

Os altos índices de desocupação, o lucrativo tráfico de drogas, que prima pela busca intensa de dinheiro e poder, seduzindo, principalmente, os mais jovens, assim como a falta de controle de “instrumentos” letais, como arma branca e de fogo, influenciam a violência na capital maranhense. Com efeito, promove a falta de qualidade de vida e danos à saúde da população.

É necessário salientar que, embora a Secretaria de Segurança Pública do Maranhão (SSP-MA) apresente queda nos índices de homicídios e demais Crimes Violentos Letais e Intencionais – CVLI de 2014 até 2017, a percepção da violência urbana, as consequências nefastas que proporciona, e o seu retrato diário na imprensa ludovicense apontam para uma realidade distante do que é mostrado nas propagandas políticas do atual governo estadual, que em tempos de eleição busca distrair a população com propostas de aumento salarial, realização de obras e investimento financeiro na saúde.

Os principais impactos da violência urbana na saúde da população ludovicense foram os óbitos, entretanto é imprescindível destacar que muitos impactos à saúde não são quantificados e/ou divulgados publicamente. Em outras palavras, além da violência urbana não se limitar aos assaltos, há um lado “invisível”

desta que não é exposto, mas afeta direta e indiretamente os modos de ser e estar na capital maranhense, evidenciado na sensação de medo e psicopatologias.

Há evidências nas mídias eletrônicas e impressas de São Luís – MA referentes a casos de pessoas mortas por causa de certas somas de dinheiro, por conta de celulares, carros, motos, entre outros. Em contato com essa realidade, tive como principais indagações: O que faz uma pessoa violentar outra por dinheiro e/ou bens materiais? Por que se encara o “outro” como um objeto em nome do lucro pessoal? Quais os impactos na saúde e no ambiente da população ludovicense por conta da violência?

Neste cenário, o levantamento e a análise das publicações científicas nacionais e internacionais, bem como das notícias veiculadas na imprensa eletrônica ludovicense indicam o crescimento avassalador da violência no Brasil (com maior crescimento no Nordeste), Maranhão e sua capital, cujas vítimas são na maioria jovens e adolescentes, provocando danos diversos à saúde como: lesões físicas diversas, queimaduras e psicopatologias.

Ouso destacar a necessidade de mais ações por parte da Federação, assim como do Governo do Estado do Maranhão em políticas públicas voltadas à educação, saúde, lazer, moradia, fortalecimento, conquista e preservação de direitos, buscando minimizar os “determinantes” sociais da saúde (desemprego, desigualdades sociais, ausência de espaços públicos de lazer, etc), que historicamente influenciam a violência no Brasil.

Por outro lado, é válido mencionar que há limitações nos dados analisados, os quais trazem informações somente até o ano de 2016, o que dificulta a relação com os números de CVLI mais atuais e suas “influências” na saúde dos ludovicenses.

Ademais, destaco que as notícias da imprensa eletrônica compõem forte intenção política, isto é, o que é veiculado como notícia da violência pode ter seu conteúdo intencionalmente construído para atender interesses governamentais ou de oposição. Além disso, é importante destacar o seu caráter comercial, que colabora para o estereótipo da criminalidade. Assim sendo, na maioria das vezes, evidencia determinados bairros, classes sociais, assim como reforça a

espetacularização da violência com o objetivo de vender notícias. Como resultado disso, há a naturalização da violência, bem como a criação da sensação de medo.

Outra dificuldade encontrada refere-se à ausência e/ou limitações de informações e dados públicos acerca dos impactos e custos da violência urbana na saúde da população no contexto estadual e municipal, indicando as possíveis intenções: o não compartilhamento público de uma relação crescente ou o descaso por um fenômeno cada vez mais impactante e insustentável no cotidiano ludovicense.

Mesmo com limitações, evidenciei, ao longo da pesquisa, que o dinheiro se tornou uma espécie de barreira, que minimiza a existência do “outro” e das coisas como elementos que nos afetam, ou seja, as relações financeiras podem estar promovendo a quebra da alteridade e a intensificação da individualidade.

A violência associada à busca de bens materiais e dinheiro mostrou-se como uma “alternativa” em prol da busca pelo *status* social que o capitalismo prega como indispensável para a sobrevivência humana, na medida em que as suas consequências apresentam um quantitativo assustador de danos físicos à saúde, ou seja, mortes, queimaduras, lesões corporais, além de possíveis males “psicopatológicos” como o medo exacerbado, depressão, baixa alta estima, entre outros.

Verifiquei que os modos de ser individualista e em constante busca pelo dinheiro, descritos por autores como Georg Simmel, Walter Benjamin e Jean Baudrillard, mostraram que estas constatações quando atualizadas se encaixam perfeitamente no mundo contemporâneo. A existência voltada para o dinheiro mostrou que o seu lugar na sociedade contemporânea é um lugar central, onde a vida deve se relacionar, isto é, exige-se uma racionalidade da vida, de forma que o dinheiro impõe que tudo aquilo que se relaciona a ele siga um padrão lógico-objetivo.

É preciso ressaltar que consumir é uma atitude necessária contemporaneamente, porém tornou-se um ato impulsivo e ingênuo, em que muitas pessoas se encontram encadeadas nas relações de consumo de maneira natural, ou seja, muitos homens e mulheres não refletem sobre o ato e as consequências do consumo e da busca por bens materiais no mundo capitalista contemporâneo.

Nesse âmbito, percebi através dos autores estudados que a busca pelo dinheiro e/ou bens de consumo marca a contemporaneidade, levando em consideração que a vida tem sido intencionalmente direcionada para a aquisição destes. Dessa forma, a felicidade, satisfação e o “progresso”, por exemplo, estão relacionados diretamente com as suas obtensões, de forma que muitas pessoas passaram a vê-los como os elementos que denotam “segurança”, permitindo a existência pessoal em sociedade.

Com o auxílio do método e atitude fenomenológicos foi possível uma atitude reflexiva e crítica do capitalismo contemporâneo a fim de compreender como se dá a imposição constante deste, que estimula, em grande medida, através dos meios de comunicação, uma vida voltada para a obtenção de dinheiro e consumismo exacerbado, enquanto as únicas maneiras de ver a vida e se relacionar na sociedade.

Diante disso, a atitude fenomenológica possibilitou a fuga da atitude natural - ingênua, dando lugar a observação e descrição de todos os polos possíveis do fenômeno, na medida em que busquei teorizar a partir do que acontece, na tentativa primeira de compreender a coisa em si. Ainda assim, ressalto a necessidade de amadurecimento teórico/metodológico que permita mais segurança na interface com o fenômeno da violência urbana e sua relação com a saúde, ambiente e dinheiro.

Destaco que a evidência da violência por meio das minhas vivências pessoais também foi muito útil neste trabalho, pois a partir destas houve a possibilidade de fuga de uma pesquisa eminentemente teórica e afastada do fenômeno em questão para a busca do seu sentido, de modo que pude exercitar a atitude fenomenológica em relação ao que a violência tem representado contemporaneamente.

Os impactos na saúde em decorrência da violência precisam ser mais analisados e catalogados pelas instituições públicas nacionais e pesquisadores. Embora haja uma dificuldade notória neste âmbito, por conta da ausência de uma metodologia robusta que abarque a questão, percebo que é urgente canalizar esforços a fim de compreender os elementos que estão por trás deste fenômeno com o objetivo de promover prevenção, tratamentos mais adequados, assim como políticas de intervenção para a minimização da violência.

Afirmo que o fenômeno da violência é histórico e intencionalmente propagado no Brasil, haja vista que o clima de guerra e insegurança traz lucros para alguns, propagandas políticas sedutoras, reforço da divisão em classes sociais e mantém o sistema econômico vigente, minorando aqueles que não têm acesso a possibilidades de intervenção política, voz ou àquilo que o capitalismo exige para alguém ser valorizado socialmente.

Além disso, o caráter comum da violência evidenciada na imprensa eletrônica de São Luís - MA mostra “comportamentos iguais”, de modo que tanto pessoas sem acesso a condições dignas de vida quanto às ricas se utilizam da força e de instrumentos como armas de fogo e armas brancas para buscar mais *status*, dinheiro e poder, agindo ingenuamente, desrespeitando a vida e as conquistas alheias. Em outros termos, a violência também se dá para as pessoas quando estas não têm acesso ao que o capitalismo prega como o “necessário para se viver bem”.

Concluindo, percebo que a sociedade civil não tem acesso a um sistema de segurança pública eficiente e compatível com o nível de violência percebido em São Luís – MA. Além disso, essa mesma população que produz, consome e naturaliza a violência, sofre com as consequências do medo, tem prejuízos quanto à saúde física e sociabilidade, assim como vê a vida cada vez mais banalizada por conta desta.

Diante do cenário de crise da violência urbana no Brasil, este trabalho se torna uma ponte para novos estudos que busquem analisar as consequências que este fenômeno promove na saúde pública e no ambiente nacional.

Por isso, recomendo que a comunidade acadêmica dê mais atenção e incentive mais estudos acerca dos fenômenos contemporâneos que envolvem a violência, o dinheiro e os seus impactos na saúde e no ambiente, a fim de que seja possível tentar compreender como estes se mostram, e também para que se possa propor uma retomada da atitude crítica (sentir e agir num mundo afetado diretamente pelas relações monetárias).

Espero que este trabalho, o qual precisa ser atualizado constantemente, seja útil para a reflexão e o incentivo de políticas sociais públicas que direcionem a comunidade ludovicense para tempos de mais alteridade e, principalmente, que seja discutido de forma aberta no espaço acadêmico e comunitário.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. L. **Geografia do crime em São Luís do Maranhão: uma abordagem dos casos de homicídios por armas branca e de fogo**. 2016. 58 f. Trabalho de conclusão de curso (monografia) – Curso de Geografia, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luís. 2016.
- ARTIFON, S; PIVA, M. Endividamento nos dias atuais: fatores psicológicos implicados neste processo. **O portal dos psicólogos**, mar, 2013.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**, Brasília. 2005.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Participativa. **Relatório de Gestão 2008**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Atlas da Violência 2016**, n. 17, Brasília, março. 2016.
- BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**, Rio de Janeiro. 2016.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Notificação de violências interpessoais e autoprovocadas**, Brasília. 2017.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70,1981.
- BAUMAN, Zigmunt. **Medo Líquido**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BENJAMIN, W. Capitalismo como Religião. Tradução de: Jander de Melo Marques Araújo. **Revista Garrafa 23**. jan./abr. 2011.
- BORBA, J. M. P Fenomenologia da “financeirização das subjetividades no mundo-da-vida contemporâneo. In: I Congresso Brasileiro de Psicologia & e Fenomenologia, Curitiba: UFPR, LABFENO, 2013.
- _____. Fenômenos “psicopatológicos” contemporâneos relacionados ao dinheiro. **Psychiatry on line Brasil**, v.20, n.1, jan, 2015. Disponível em: < <http://www.polbr.med.br/ano15/pcl0115.php>>. Acesso em: 01 março 2018.
- _____. **Racionalismo Terapêutico e Subjetividade**: uma fenomenologia do consumo de livros de “autoajuda” financeira no mundo da vida contemporânea. Porto alegre: Editora Fi, 2016.
- CARVALHO, A. Determinantes sociais, econômicos e ambientais da saúde. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. A saúde no Brasil em 2030 – prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro: população e perfil sanitário (on line). Rio de Janeiro: Fiocruz/Ipea/Ministério da Saúde/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2013. vol. 2. p. 19-38.
- CERQUEIRA, D. Posições teóricas e metodológicas a propósito da violência e da criminalidade. In: ZANOTELLI, C. L.; RAIZER, E. C.; VALADÃO, V. de A. (orgs.). Violência e contemporaneidade: dimensões das pesquisas e impactos sociais. Vitória: Gráfica e Editora/NEVI, 2007. p.17-36.

CERQUEIRA, D. Custo de Bem-Estar da Violência e Criminalidade no Brasil. In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Edição XI. São Paulo, 2017.

CIGANA, C. Segurança privada fatura bilhões e emprega mais que a polícia. **Gauchazh**, 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2016/10/seguranca-privada-fatura-bilhoes-e-emprega-mais-que-a-policia-7785801.html>>. Acesso em: 22 out. 2017.

COSTA, Y. M. P. **A outra Justiça**: a violência da multidão representada nos jornais. São Luís: EDUFMA, 2008.

CRUZ, L. M. “**Morfologias Urbanas do Medo: A Materialização da (in) segurança em bairros nobres do Recife**”. 2010. 103. f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós – Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

DAHLBERG, L. L; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**. p. 1163-1178, 2002.

DELGADO, P.G.G, et al. Violência urbana e saúde mental: desafios de uma nova agenda? **Fractal: Revista de Psicologia**, v.29, n.1, p. 17-23, jan-abr. 2012.

DOS SANTOS, M; GOMES, C. O sonho e a Realidade: sociedade e violência. In: **Sociedade do Medo**: Teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude e pobreza. Gey Espinheira (org). Salvador: **EDUFBA**, 2008.

ENDLICH, A. M; FERNANDES, P. H. C. Aumento da violência em pequenas cidades, sentimento de insegurança e controle social. XII Colóquio Internacional de Geocrítica *El control Del espacio y los espacios de control*, Barcelona, maio, 2014.

FERREIRA, I. C. B & PENNA, N.A. Território da violência. In: PAVIANI, Aldo, et al (org). **Brasília**: dimensões da violência urbana. Brasília: UNB, 2005. 57-86.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Edição X. São Paulo, 2016.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Edição XI. São Paulo, 2017.

GASSET, Y José. **A rebelião das massas**. Tradução: Herrera Filho. Edição Eletrônica, 1926.

GUIMARÃES, A. O conceito de Mundo da Vida. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**. v.5, n.1, p.1-150, abr./set. 2012.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a Fenomenologia transcendental**. Tradução: Diogo Falcão Ferrer. Braga: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.

_____. **Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Tradução: Márcio Suzuki. São Paulo: Ideias & Letras, 2006. (Coleção Subjetividade Contemporânea).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/panorama>>. Acesso em: 19 out 2017.

_____. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, 2016.

JORGE, M. H. P. M; KOIZUMI, M. S. Gastos governamentais do SUS com internações hospitalares por causas externas: análise no Estado de São Paulo, 2000. **Rev. bras. epidemiol.** São Paulo, v. 7, n. 2, p. 228-238, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2004000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 mar. 2017.

KAHN, T. Os custos da violência: quanto se gasta ou deixa de gastar por causa do crime no Estado de São Paulo. **São Paulo em perspectiva**, v.13, n.4, 1999.

MINAYO, M. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. p. 10-33.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Disponível em:<<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10ma.def>>. Acesso em: 19 set 2017.

NAZÁRIO, J.F. Segurança privada e violência: um mito que a economia desmancha. **Estadão**, 2017. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial de Violência e Saúde**. Genebra: OMS, 2002.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)** – 1946. USP. Disponível em:<<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organização-Mundial-da-Saúde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>> Acesso em: 26 jun. 2016.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE (OPAS). *Violência y salud: resolución no XIX*. Washington, 1994.

PERES, M. F.T e RUOTTI, Caren. Violência urbana e saúde. **Revista USP**, São Paulo, n.107, p. 65-78, out. nov. dez. 2015.

PORTO, M. S. G. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. **Sociologias**, Porto Alegre, n° 8, p. 152-171, jul./dez, 2002.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido**. São Paulo: Edusp, 2008 b.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO MARANHÃO (SSP/MA). Disponível em: <<https://www.ssp.ma.gov.br/estatisticas/estatisticas-da-grande-sao-luis/>>. Acesso em: 22 out 2017.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**, (1902). In: VELHO, Otávio Guilherme (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 11-25.

_____. **A psicologia do dinheiro e outros ensaios**. Tradução: Artur Mourão, Lisboa: 1. ed. Edições Texto & Grafia, 2009.

SEVERIANO, M. F. Sociedade de consumo e psicopatologias contemporâneas: uma reflexão sobre a formação de ideais numa cultura narcísica, 2006. Disponível em:<http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/ii_congresso_internacional/temas_livres/ii_con_sociedade_de_consumo_e_psicopatologias_contemporaneas_tl.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2015.

SOUZA, M. L. de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH). **Monitoramento de Linchamentos no Maranhão (2016)**, São Luís, jan, 2017.

SCHUTZ, A. **Sobre Fenomenologia e Relações Sociais**. Edição e Organização: Helmut T.R. Wagner. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

TOURINHO, C. D. C. Afirmação da existência e elucidação do sentido do mundo: a circularidade na dupla preocupação da fenomenologia de Husserl. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, v.3, n.2. 2015.

VASCONCELOS, A. M.N; COSTA, A. Demografia da violência no Distrito Federal: evolução e características. In: PAVIANI, A; FERREIRA, I.C.B; BARRETO, F.F.P. **Dimensões da violência urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. p. 33-56.

ZALUAR, A. Dilemas da Segurança Pública no Brasil. **Desarmamento, Segurança Pública e Cultura da Paz**. Fundação Konrad Adenauer, Rio de Janeiro, 2005.

ZIGMUNT, Bauman. **Medo Líquido**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

WASELFISZ, Julio. **O Mapa da Violência 2016: homicídios por arma de fogo no Brasil**. Versão para web. Flacson Brasil, 2016.

WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, n.9, p. 5-41, 1997.